

ANTHOLOGIA UNIVERSAL

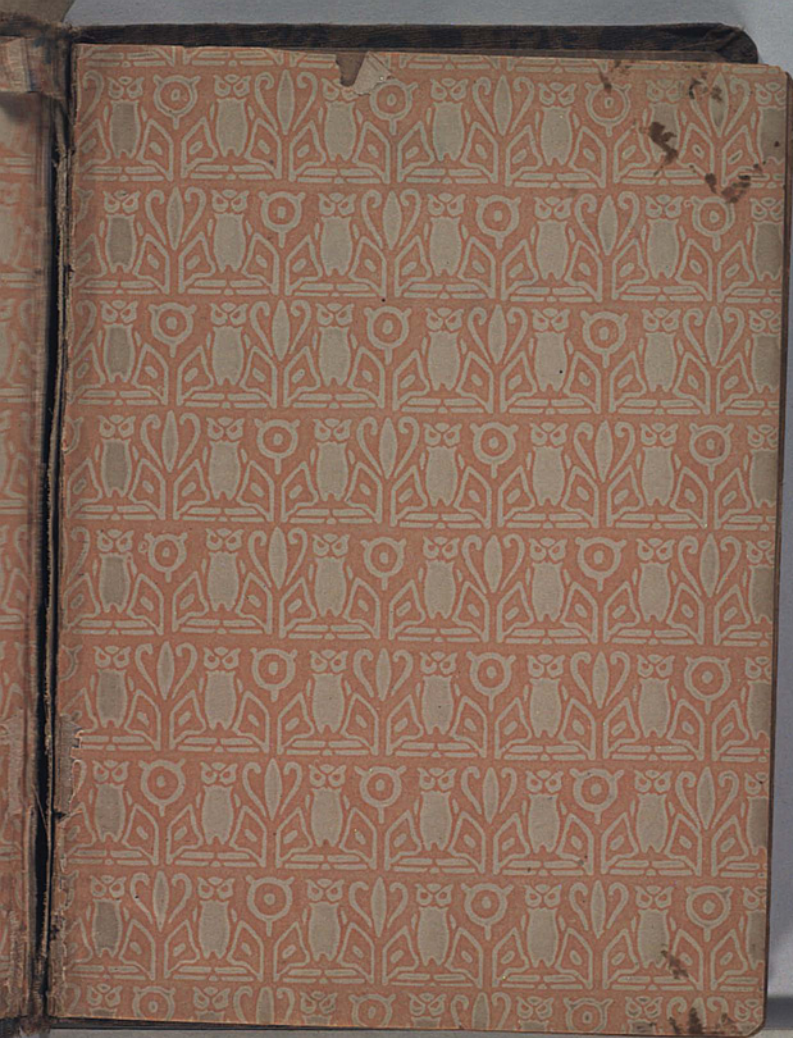
THOMAZ GONZAGA

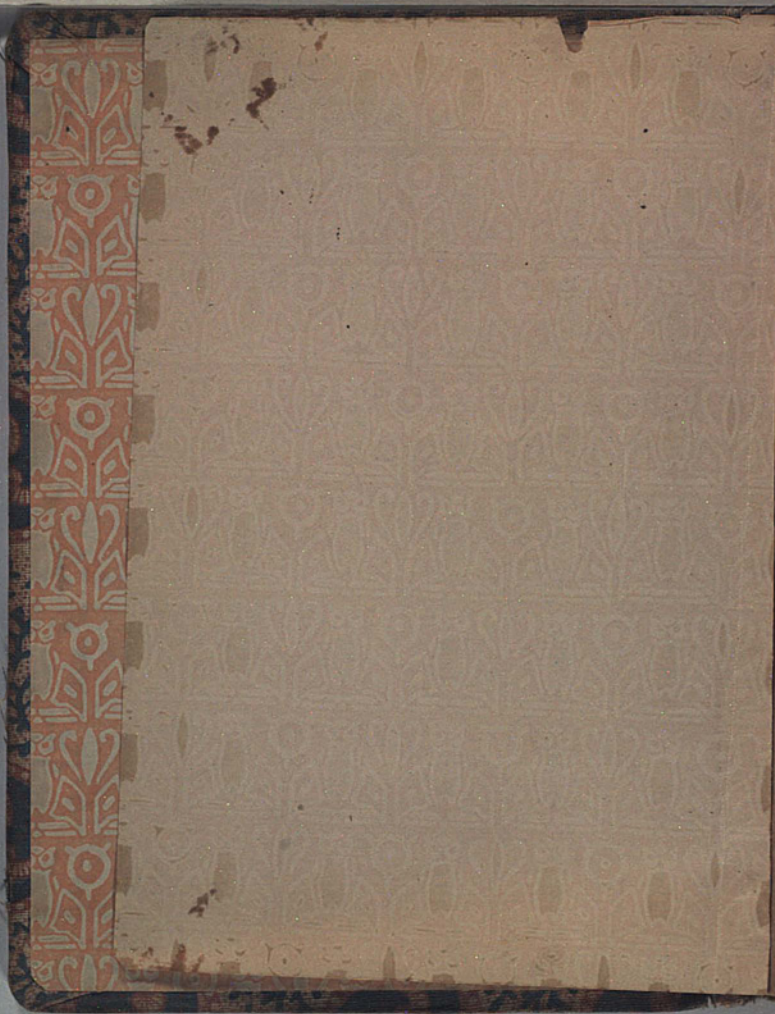
MARILIA DE DIRCEU

5

24







Fernando
Mendes
de



Almeida. Rio, 933

M 3.

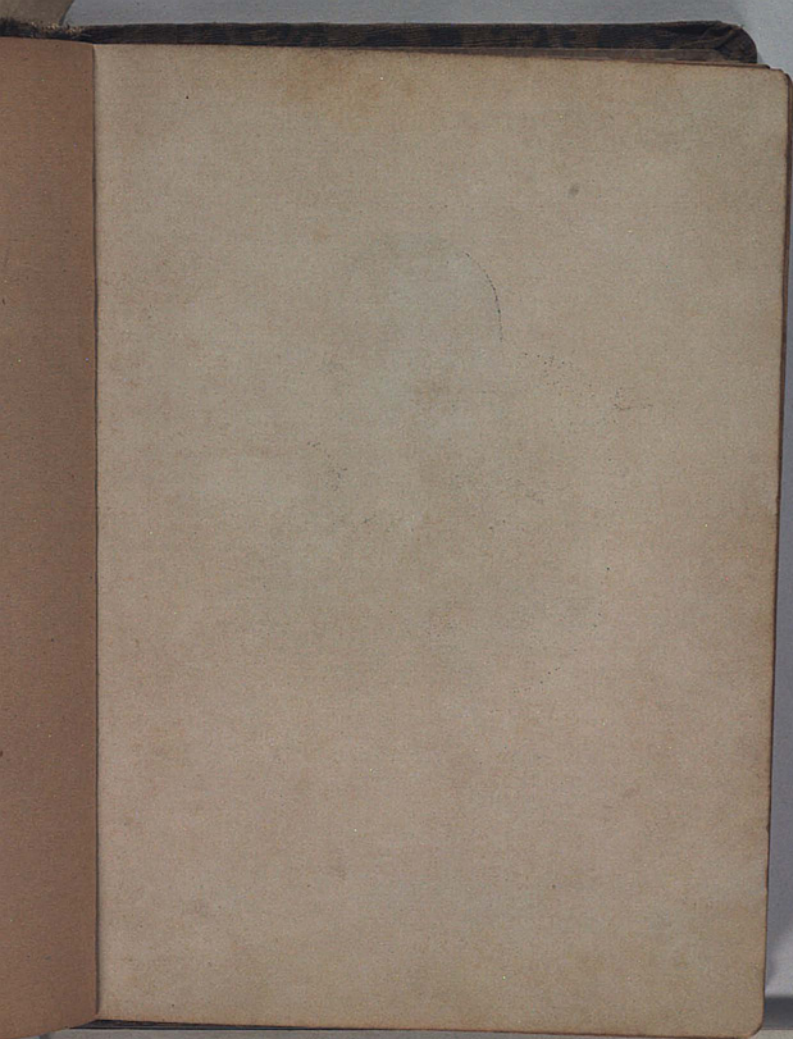
Reservados todos os direitos de reprodução nos
países que adheriram á Convenção de Berne;
Brasil: Lei n.º 2577 de 17 de Janeiro de 1912;
Portugal: Decreto de 18 de Março de 1911.

THOMAZ A. GONZAGA
MARILIA DE DIRCEU

ANTHOLOGIA UNIVERSAL

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Manuel Bernardes — Historias varias.
- 2 — Soror Mariana — Cartas de Amor, nova restituição e esboço critico de Jaime Cortesão.
- 3 — José de Alencar — Iracema, edição prefaciada por Mario de Alencar.
- 4 — Almeida Garrett — Frei Luiz de Souza.
- 5 — Gonzaga — Lyricas (Da Marilia de Dirceu), prefacio e notas de Alberto de Farja.
- 6 — Fernão Mendes Pinto — Em busca do Corsário.
- 7 — Carlos Dickens — Canto do Natal, tradução de D. Virginia de Castro e Almeida.
- 8 — Camões — Pensamentos, extrahidos das suas obras por J. Viana da Mota.
- 9 — Cervantes — Novelas exemplares (Cornelia — O ciumento) tradução de D. Virginia de Castro e Almeida.
- 10 — Fernão Mendes Pinto — A Ilha dos Tesouros.
- 11 — José d'Alencar — Diva, pref. de Mario d'Alencar.
- 12 — Shakespeare — O Mercador de Veneza.





THOMAZ ANTONIO GONZAGA



LYRICAS.

ANTHOLOGIA UNIVERSAL

THOMAZ A. GONZAGA

MARILIA DE DIRCEU

(SELECÇÃO DAS LYRAS AUTHENTICAS)

EDITOR LITERARIO

ALBERTO FARIA, da *Academia Brasileira*



18.758

EDITORES

ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO

(ALMANAK LAEMMERT)

RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO

869.3124

6 642 w

1922





ADVERTENCIA

As duas primeiras partes da MARILIA DE DIRCEU, unicas de authenticidade incontestada até hoje, tomaram-se as lyras mais significativas, para formar esta pequena edição do *Anuario do Brasil e Renascença Portuguesa*.

Precedemol-as de uma noticia da vida do autor, em bosquejo isento de conjecturas e de fantasias, pois que é synthese de pesquisas documentaes.

E additamos-lhes notas algo curiosas, relativas ao estudo de fontes literarias, ou á corrigenda de erros criticos e typographicos (estes em via de perpetuação), contribuindo assim para a melhor intelligencia dellas.

Mas o que recommenda o volume diminuto, nem fica mal declaral-o aqui, são as peças officiaes constantes do *Appendice*, geralmente desconhecidas ainda.

Uma, — defesa de Thomaz Antonio Gonzaga, scripta do proprio punho do réo da Inconfidencia Mineira, — prova sua nenhuma com-

participação no delicto e sua muita capacidade jurídica.

Outra, — auto de sequestro dos respectivos bens, attestadores da pobreza do honesto magistrado de Villa Rica, — serve ao exame da sumptuaria brasileira no periodo colonial.

Foram copiadas, directa e integralmente, da *Devassa* de 1789, na Bibliotheca nacional do Rio de Janeiro.

Admira que passassem despercebidas aos historiadores, dous ou tres dos quaes apenas se aproveitaram de fragmentos das mesmas, colhidos já em nossos trabalhos de imprensa, alguns ora compendiados em AÉRIDES e ACCENDALHAS.

O EDITOR LITERARIO.

ESCORÇO BIOGRAPHICO

Thomaz Antonio Gonzaga viu a luz no Porto, á rua dos Cobertos, em 11 de Agosto de 1744.

Filho do licenciado João Bernardo Gonzaga, nascido no Rio de Janeiro, em 20 de Agosto de 1710, e D. Thomazia Isabel Gonzaga, natural daquella cidade, teve por avós: paternos — o causidico português Thomé do Souto Gonzaga e a carióca D. Thereza Jação, ambos de nobre estirpe; maternos — o negociante londrino John Clark e a portuense D. Marianna Clark.

O pae, que se acreditara na magistratura do reino, como juiz-de-fóra de Monte Alegre e de Tondella, voltou á colonia, despachado ouvidor geral de Pernambuco, d'ahi passando a intendente geral da Bahia. Desempenhou estes cargos com intelligencia e zelo, um de 1752 a 1759, outro de 1759 a 1764.

Teria partido viuvo, confiando aos sogros a educação da prole, menor de 8 annos; pois

Marília de Dirceu

em Pernambuco affeição-se a uma senhora da terra e nella residente, D. Magdalena Thomazia, a quem pediu a mão de esposa. Disto sciencia a filha, D. Ephigenia Gonzaga, resolveu tomar habito no mosteiro de Santa Clara, no Porto, e, em 29 de Novembro de 1760, era requerida ao conde de Oeiras a necessaria authorização. Em 31 de Julho de 1761 e ainda em 13 de Março de 1762, o quinquagenario amoroso instava pela licença régia para convolar a segundas nupcias. O filho, Thomaz Antonio Gonzaga, concluidos os estudos preparatorios, matriculava-se na Faculdade de Leis, da Universidade de Coimbra, em 1 de Outubro de 1763.

No erroneo presuppuesto de que João Bernardo Gonzaga viera de Portugal *directamente* á Bahia em 1759, para lá tornando *antes de 1764*, sempre *com a familia*, biographos precipitados deram como transcursa na antiga metropole brasileira a adolescencia do futuro lyrico (dos 15 aos 19 annos). E cuidaram abonar a affirmação com uma unica estrophe do mesmo, sem que a suspeitassem viciada typographicamente:

Pintam que os mares sulco da Bahia,
Onde passei a flôr da minha idade,
Que descubro as palmeiras, e, em dous bairros
Partida, a grão cidade.

Mas contrariamente ha, além das allegadas provas indiciarias, uma documental, de 1793, em que o proprio Thomaz Antonio Gonzaga de-

clara ter residido só — no Porto, Coimbra, Lisboa, Beja, Villa Rica e Moçambique.

Assim, a quem repugne o cambio do toponymico, na leitura do primeiro dos versos citados, conforme propuzemos nas ACCENDALHAS, cumpre admittir uma leve alteração de particula grammatical, na leitura do segundo. A hypothese mais simples é, effectivamente, a de que o poeta, em vez de

Pintam que os mares sulco da Bahia,
Onde passei a flôr da minha idade;

houvesse escripto

Onde passei á flôr da minha idade;

equivalente a

Onde passei na flôr da minha idade;

lembrando apenas uma grata impressão de viagem, quando se destinava a Minas.

Nem a tanto obsta a expressão «flôr da... idade», synonyma de «flôr dos annos», que elle applicou aos 33 do conquistador Alexandre, conta muito mais proxima de seus 38, em 1782, que de seus 15 aos 19, em 1759-63. O conceito de idade, poeticamente expresso pelo autor, resulta do confronto das lyras XXVIII da pte. 1.^a e VII da pte. 2.^a da MARILIA DE DIRCEU.

Thomaz Antonio Gonzaga bacharelou-se em 1768.

As transformações no regime universitário, levadas a efeito pela reforma pombalina de 1772, accenderam-lhe esperanças na carreira do ensino. Inscripto no Livro dos Oppositores ás cathedras da Faculdade Juridica, fez uma obra de philosophia do direito, para melhor recomendar-se.

Mas, decaído do poder o grande chanceler, ao qual a dedicara, abandonou a idéa do magisterio, ameaçado na moderna orientação pela contra corrente politico-religiosa. E, de Julho a Setembro de 1778, habilitou-se para os logares de varas, sendo nomeado juiz-de-fóra de Beja por um triennio.

A 27 de Fevereiro de 1782 obtinha os empregos de ouvidor e procurador dos defuntos e ausentes de Villa Rica, titulos confirmados em 15 e 25 de Maio. A 6 deste mês já tomara de emprestimo a Custodio José Ferreira, em Lisboa, 1.540\$000, para as despesas de transporte e nova installação.

Embarcaria em a nau do segundo semestre, porque antes de terminar o anno, 12 de Dezembro, estava funcçãoando na capital aurifera. Então governava Minas Geraes, com proibidade e mansuetude, D. Rodrigo José de Menezes e Castro, que o acolheu dignamente.

Até 10 de Outubro de 1783, quando assumiu a administração D. Luiz da Cunha Pacheco e Menezes, nenhuma desfeita soffrera. Não tardou, porém, que surgissem conflictos, originados só da ruim indole desse régulo, a cuja sombra se abandavam os fraudadores do erário publico.

Tornados inimigos pessoas, após debate na Junta da Real Fazenda, em 1 de Janeiro de 1785, o capitão-general redobrou de hostilidade ao ouvidor. Invertendo os papeis, afim de causar-lhe damno moral, representava-o á Côrte como ganancioso.

Comtudo, a rainha galardoou o recto magistrado, em 28 de Novembro de 1786, promovendo-o a desembargador da Relação da Bahia «para nella servir por tempo de seis annos», «com posse, que logo tomará, de um logar de desembargador na Relação do Porto, que virá exercer findo o dito tempo».

Em meiado de 1787, conhecido o decreto que tanto o elevava, tractou casamento com D. Maria Dorothea Joaquina de Seixas, cujas graças faziam o encanto de sua Musa. E, por via do collega intendente do ouro, Francisco Gregorio Pires Monteiro Bandeira, sollicitou venia real para consumal-o.

No embevecimento do duplo sonho de felicidade, quasi parecia esquecer-lhe o sátrapa adverso, que não cessava de vilipendiar o povo arruinado...

Então, ninguem mais que um semi-louco, presa de ardor civico, o alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha *Tiradentes*, so-prava o espirito de revolta.

Informado D. Luiz da Cunha Pacheco e e Menezes, um anno antes, em hora de bom humor, limitara-se a commento desdenhoso, tão certo estava da inércia collectiva: Só se fôr le-

vante de meretrizes, disse, aliás usando vocabulo menos literario.

E, contumaz na immoralidade, sem recuo de violencias, permaneceu no posto até 11 de Julho de 1788, quando foi rendido por Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça, 6.º visconde de Barbacena.

Houve um curto prazo de allivio geral, em que Thomaz Antonio Gonzaga, vingando-se do *Fanfarrão Minezio*, escreveu as CARTAS CHILENAS, já circulantes em cópias de mão no começo de Fevereiro de 1789. Constituindo a historia anecdotica das libertinagens, prepotencias e rouba-lheiras da governança transacta, encerram os germes de fermentação da proxima Inconfidencia Mineira.

Apenas se divulgou que o novo preposto da corôa, na fórmula das *instrucções* trazidas, lançaria a *derrama*, para a cobrança do quinto do ouro em atrás, reencetou a propaganda libertaria — o imperterrito alferes. Encontrava agora um argumento-Achilles, com que moveria os egoistas, a quem não arrebataste, como a elle, o exemplo da independencia da America do Norte.

Desde logo associado o entusiasmo de *Tiradentes*, que girava como um «corta-vento», ao saber de José Alvares Maciel, inostensivo chefe intellectual da agitação sediciosa, facil era alliciem-se homens de prestigio na militança e na clerezia. Em tres meses ramificou-se a conjura, na qual entraram os tenente-coroneis Francisco de Paula Freire de Andrade e Ignacio

José de Alvarenga, o conego Luiz Vieira da Silva, os padres José da Silva Oliveira Rolim e Carlos Corrêa de Toledo Piza e Mello, *etc.*

A 11 de Abril, porém, um falso conjurado, tenente-coronel Joaquim Silverio dos Reis, aspirando á relevação de enorme divida fiscal, delatava o movimento e os respectivos fautores. Como principal *cabeça* indigitou a Thomaz Antonio Gonzaga, que se lhe oppuzera judicialmente ás trapaças de antigo contractador e de pouco ainda as estigmatizara na satira.

O visconde de Barbacena commetteu o serviço de espionagem subseqüente a esse delator e a um segundo, por identico motivo interessado tambem na perdição do poeta. Que a casa deste ia o alferes Joaquim José da Silva Xavier, aliás seu desaffectedo, apressou-se em communicar-lhe o mentiroso tenente-coronel Basilio de Brito Malheiro do Lago, digno émulo de Joaquim Salterio (alcunha do outro espião).

Ignorante dos successos posteriores a Janeiro, quando largara a ouvidoria, Thomaz Antonio Gonzaga tinha um unico pensamento, o reflectido nos ultimos metros sujeitos á lima de Claudio Manuel da Costa. Certo de retirar-se na monção de Junho, porquanto o governador promettera supprir-lhe a demorada licença régia para o casamento, assim dizia á noiva:

Quebra os grilhões do sangue, e vem, ó bella!
Tu já foste no sul a minha guia,
Ah! deves ser no norte
Tambem a minha estrella!

Marilia de Dirceu

E, prefigurando já findo o sexennio da Bahia, antegosava a chegada a Lisboa, com a assistência carinhosa do «velho pae»:

Dobro os joelhos, pelos pés o aperto;
E manda que dos pés ao peito passe:
Marilia quanto eu fiz fazer intenta;
Antes que os pés lhe abrace,
Nos braços a sustenta;
Dá-lhe de filha o nome,
Beija-lhe a branca face.

Dias após estalava a catastrophe, que annullaria ventura tamanha.

Na manhã de 23 de Maio, achando-se ainda no leito, prenderam-no e conduziram-no immediatamente ao Rio de Janeiro, onde jazeu nas infectas masmorras da Ilha das Cobras — tres annos.

Em 13 de Abril de 1792 condemnaram-no a degredo perpetuo em Angola, pena logo commutada na de degredo por dez annos em Moçambique. Debalde embargou os accordams, injustos e iniquos, proferidos nos autos da devassa, monstruosa.

Sentenciado como réo de lesa-magestade, elle, o ultra-regalista das CARTAS CHILENAS!

Emfim, seguiu, directamente, para o Continente Negro, a bordo da nau *Nossa Senhora da Conceição* e *Princesa de Portugal*, que partiu em a 22 de Maio.

Foi quando teve uma sensação de desafogo, descripta na seguinte missiva ao dr. Antonio Ferreira França:

Meu particular amigo. — Não lhe posso explicar o horror com que sahi dessa cidade; mas, logo que cheguei á barra, fui tirado da cobertura e fui tratado com humanidade e cortezia. Cheguei a esta cidade nos ultimos de Agosto (*), sem uma tormenta e sem uma leve dor de cabeça. Desembarquei, e o ouvidor me recebeu em sua casa, aonde fico tratando de pôr a minha. Os habitantes da terra todos me têm tratado como se eu viesse numa grande felicidade. Eu fiquei na ilha, que apenas terá meia legua de comprimento, e é aonde reside tudo quanto é bom. Tem excellentes casas e não é tão feia como se pinta. Aqui estão muitos ha largos annos e vivem gordos, córados e sem molestias. Não soffrem desmandos, mas quem se regula bem vive com menos enfermidades do que se vive nessa terra. Aqui reina o negocio, e todos me seguram felicidades; o tempo mostrará qual é o fim para que me conduz a Providencia. Peço a V. Mce. que me avise de tudo e do estado das minhas dividas, para dar as ordens e ir pagando. Eu escrevo repetidas vias, para ver se em Gôa apparecem diversas embarcações, que as leyem, nem me esquecerei de ir dando conta de quanto fôr succedendo. Sim, meu verdadeiro amigo, eu não serei ingrato ao affecto que me mostrou. Peço-lhe que me remetta essas cartas e que se sirva muito da vontade deste. De V. Mce. — *Thomaz Antonio Gonzaga.* — Moçambique, 19 de Agosto de 1792.

(*) Em vez de Julho; a menos que a carta seja de Setembro, estando o erro na data.

Marilia de Dirceu

A derradeira noticia positiva, referente ao desditoso vate, é a da justificação de 9 de Maio de 1793, para seu casamento com D. Juliana de Sousa Mascarenhas, filha de Alexandre Mascarenhas, commerciante lusitano alli estabelecido.

Não mais podendo voltar á America Portuguesa, sob pena de morte comminada na sentença, comprehende-se que de tal modo procedesse, maiormente em annos de prosa.

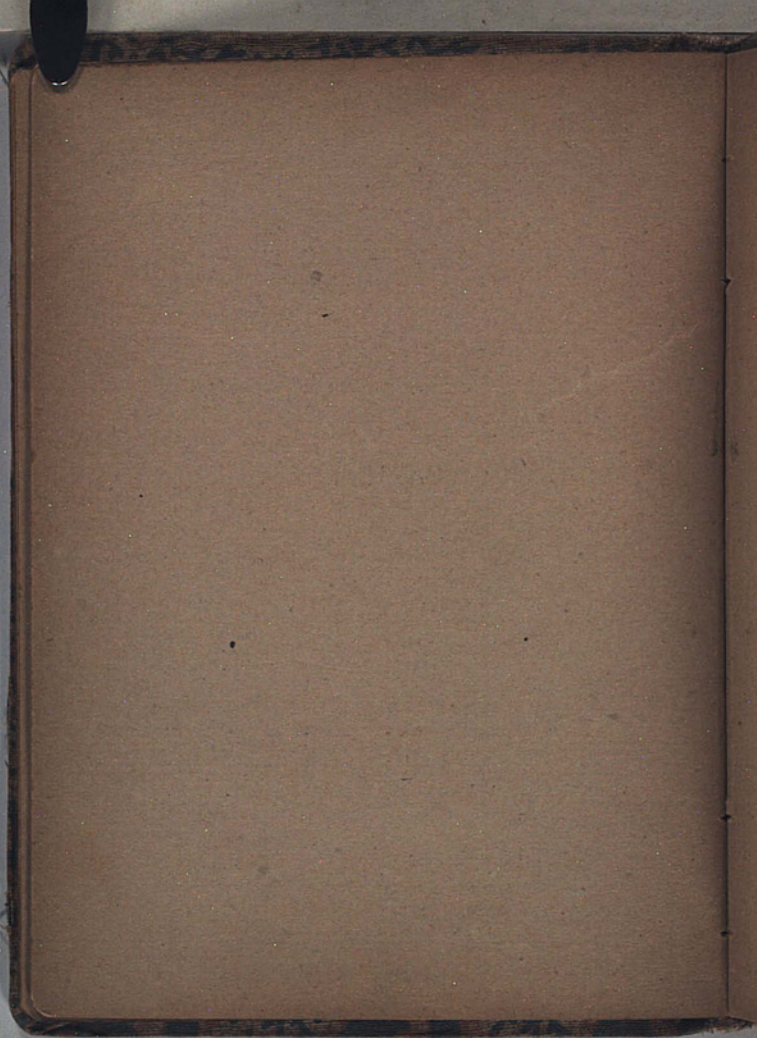
Todavia, para explicar caso tão simples, criticos romanticos proclamaram-no ensandecido, accrescentando que assim morreu, em data de invenção subjectiva (1807, 1808, ou 1809, conforme aéreas conjecturas de cada um).

ao
de
Ju-
an-
alli

tu-
en-
ce-

ri-
lo,
de
n-

PARTE I



LYRA I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, e nelle assisto,
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lans, de que me visto.
Graças, Marília bella,
Graças á minha estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
Dos annos inda não está cortado;
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado;
Com tal destreza tóco a saffoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste;
Ao som d'ella concérto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha.
Graças, Marília bella,
Graças á minha estrella!

Marilia de Dirceu

Mas, tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil pastora,
Depois que o teu affecto me segura
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marilia, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte e prado;
Porém, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais que um rebanho, e mais que um throno.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do sol em vão se atreve;
Papoula, ou rosa delicada e fina,
Te cobre ás faces, que são côr da neve.
Os teus cabellos são uns fios d'ouro,
Teu lindo corpo balsamos vapóra...
Ah! não, não fez o céo, gentil pastora,
Para gloria de amor igual thesouro.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rez, o nédio gado.
Já d'estes bens, Marilia, não preciso...
Nem me cega a paixão que o mundo arrasta:
Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas e me dês um riso.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Parte I — Lyra I

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marília, no meu braço;
Aqui descansarei a quente sésta,
Dormindo um leve somno em teu regaço;
Emquanto a luta jogam os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marília bella,
Graças á minha estrella!

Depois que nos ferir a mão da morte,
Ou seja neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dois a mesma terra.
Na campã, rodeada de cyprestes,
Lerão estas palavras os pastores:
— «Quem quizer ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos que nos deram estes».
Graças, Marília bella,
Graças á minha estrella!

LYRA II

X

Pintam, Marília, os poetas
A um menino vendado,
Com uma aljava de settas,
Arco empunhado na mão,
Ligeiras asas nos hombros,
O tenro corpo despido;
E de Amor ou de Cupido
São os nomes que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,
Que assim seja Amor; pois elle
Nem é moço, nem é cego,
Nem settas, nem asas tem.
Ora pois, eu vou formar-lhe
Um retrato mais perfeito,
Que elle já feriu meu peito;
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeam,
São que os de Apollo mais bellos,
Mas de loura côr não são.

Têm a côr da negra noite,
E com o branco do rosto
Fazem, Marília, um composto
Da mais formosa união.

Tem redonda e lisa testa,
Arqueadas sobranceiras;
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são uns sóes.
Aqui vence Amor ao céu,
Que no dia luminoso
O céu tem um sol formoso,
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face mimosa,
Marília, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Branças folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beijos são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito,
Dei logo um suspiro, e elle
Conheceu haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava;
Vendo que o via, baixava)
A modesta vista ao chão.)

+

Marília de Dirceu

Chamei-lhe, um dia, formoso;
Elle, ouvindo os seus louvores,
Com um gesto desdenhoso,
Se sorriu, e não falou.
Pintei-lhe outra vez o estado
Em que estava esta alma posta;
Não me deu também resposta,
Constrangeu-se, e suspirou.

Conheço os signaes, e logo,
Animado da esperança,
Busco dar um desafogo
Ao cansado coração.
Pégo em seus dedos nevados,
E, querendo dar-lhe um beijo,
Cobriu-se todo de pejo,
E fugiu-me com a mão. /

Tu, Marília, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Contigo estarás dizendo
Que é este o retrato teu.
Sim, Marília, a cópia é tua,
Que Cupido é deus supposto:
Se ha Cupido, é só teu rosto,
Que elle foi quem me venceu.

LYRA IX

Marília, de que te queixas?
De que te roubou Dirceu
O sincero coração?
Não te deu também o seu?
E tu, Marília, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
Todos amam: só Marília
Desta lei da natureza
Queria ter isenção?

Em torno das castas pombas,
Não rulam ternos pombinhos?
E rulam, Marília, em vão?
Não se afagam co's biquinhos?
E a provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
Todos amam: só Marília
Desta lei da natureza
Queria ter isenção?

Marilia de Dirceu

Já viste, minha Marilia,
Avesinhas, que não façam
Os seus pinhos no verão?
Aquellas, com quem se enlaçam,
Não vão cantar-lhes defronte
Do molle pouso, em que estão?
Todos amam: só Marilia
Desta lei da natureza
Queria ter isenção?

Se os peixes, Marilia, geram
Nos bravos mares e rios:
Tudo effeitos de amor são.
Amam os brutos impios,
A serpente venenosa,
A onça, o tigre, o leão.
Todos amam: só Marilia
Desta lei da natureza
Queria ter isenção?

As grandes deusas do céo
Sentem a setta tyranna
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Pelo amor de Endymião?
Todos amam: só Marilia
Desta lei da natureza
Queria ter isenção?

Parte I — Lyra IX

Desiste, Marília bella,
De uma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chamma é inspirada
Pelo céo; pois n'ella assenta
A nossa conservação.
Todos amam: só Marília
Desta lei da natureza
Não deve ter isenção.

LYRA XI

Não toques, minha musa, não, não toques
Na sonora lyra,
Que ás almas, como a minha, namoradas
Doces canções inspira:
Assopra no clarim que, apenas sôa,
Enche de assombro a terra!
Naquelle, a cujo som cantou Homero,
Cantou Virgilio a guerra.

Busquemos, ó musa,
Empresa maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de amor.

Eu já não vejo as graças de que fórma
Cupido o seu thesouro;
Vivos olhos e faces côr de rosa,
Com crespos fios de ouro;
Meus olhos sô vêm gramas e louréiros;
Vêm carvalhos e palmas;
Vêm os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.

Parte I — Lyra XI

Busquemos, ó musa,
Empresa maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de amor.

Cantemos o heróe que já no berço
As serpes despedaça;
Que fére os Cáculos, que destronca as hydras,
Mais os leões que abraça.
Cantemos, se isto é pouco, a dura guerra
Dos Titães e Typheus
Que arrancam as montanhas, e atrevidos
Levam armas aos céos.

Busquemos, ó musa,
Empresa maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de amor.

Anima, pois, ó musa, o instrumento,
Que a voz também levanto;
Porém tu d'este muito acima o ponto,
Dirceu não sóbe tanto:
Abaixa, minha musa, o tom, que ergueste;
Eu já, eu já te sigo.
Mas, ah! vou a dizer—Heróe e guerra,
E só—Marília—digo!

Marília de Dirceu

Deixemos, ó musa,
Empresa maior;
Só posso seguir-te
Cantando de amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah, sim, agora
Meu canto já se afina!
E a humana voz parece que ao som dellas
Se faz também divina:
O mesmo que cercou de muro a Thebas
Não canta assim tão terno;
Nem pôde competir commigo aquelle
Que desce ao negro inferno.

Deixemos, ó musa,
Empresa maior;
Só posso seguir-te
Cantando de amor.

Mal repito — Marília — as doces aves
Mostram signaes de espanto;
Erguem os collos, voltam as cabeças,
Param o ledo canto:
Move-se o tronco, o vento se suspende;
Pasma o gado e não come:
Quanto pôdem meus versos! Quanto pôde
Só de Marília o nome!

Deixemos, ó musa,
Empresa maior;
Só posso seguir-te
Cantando de amor.

LYRA XII

Topei um dia
Ao deus vendado,
Que, descuidado,
Não tinha as settas
Na impia mão.
Mal o conheço,
Me sóbe logo
Ao rosto o fogo,
Que a raiva accende
No coração.

« — Morre, tyranno,
Morre, inimigo!
Mal isto digo,
Raivoso o aperto
Nos braços meus.
Tanto que o moço
Sente apertar-se,
Para salvar-se
Tambem me aperta
Nos braços seus.

Marilia de Dirceu

O leve corpo
Ao ar levanto;
Ah! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão!
Pôde suster-se
A vez primeira,
Mas á terceira
Nos pés, que alarga,
Se firma em vão.

Mal o derrubo,
Ferro aguçado
No já cansado
Peito, que arqueja,
Mil golpes 'deu.
Suou seu rosto;
Tremeu gemendo;
E a côr perdendo,
Bateu as asas;
Emfim, morreu.

Qual bravo Alcides,
Que a hirsuta pelle
Vestiu daquelle
Grenhoso bruto
A quem matou,
Para que próve
A empresa honrada,
Co'a mão manchada,
Recolho as settas
Que me deixou.

Marilia de Dirceu

Ouviu Marilia
Que amor gritava,
E, como estava
Vizinha ao sitio,
Valer-lhe vem.
Mas, quando chega
Espavorida,
Nem já de vida
O féro monstro
Indicio tem.

Então Marilia,
Que o vê de perto
De pó coberto,
E todo envolto
No sangue seu,
As mãos aperta
Ao peito brando,
E afflicta dando
Um ai, os olhos
Levanta ao céo.

Chega-se a elle
Compadecida;
Lava a ferida
Co' o pranto amargo
Que derramou.
Então o monstro,
Dando um suspiro,
Fazendo um gyro.
Co'a baça vista,
Ressuscitou.

Marilia de Dirceu

Respira a Deusa;
E vem a gosto
Fazer no rosto
O mesmo effeito
Que fez a dôr.
Que louca idéa
Foi a que tive!
Emquanto vive
Marilia bella,
Não morre amor.

LYRA XIII

Minha bella Marilia, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.
Estão os mesmos deuses

Sujeitos ao poder do impio fado:
Apollo já fugiu do céu brilhante,
Já foi pastor de gado.

A devorante mão da negra morte
Acaba de roubar o bem que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte;
Qual fica no sepulcro,
Que seus avós ergueram, descansado,
Qual no campo, e lhe arranca os brancos ossos
Ferro do torto arado.

Ah! enquanto os destinos impiedosos
Não voltam contra nós a face irada,
Façamos, sim façamos, doce amada,

Marilia de Dirceu

Os nossos breves dias mais ditosos:
Um coração, que, frouxo,
A grata posse de seu bem differe,
A si, Marilia, a si sómente rouba,
E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores;
E façamos de feno um brando leito,
Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo que se passa
Tambem, Marilia, morre.

Com os annos, Marilia, o gosto falta,
E se entorpece o corpo já cansado;
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta;
A mesma formosura
É dote que só gosa a mocidade:
Rugam-se as faces, o cabello alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marilia bella?
Que vão passando os florescentes dias?
As glorias que vem tarde já vem frias;
E pôde enfim mudar-se a nossa estrella.
Ah! não, minha Marilia,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças,
E ao semblante a graça.

LYRA XVI

Minha Marilia,
Tu enfadada?
Que mão ousada
Perturbar póde
A paz sagrada
Do peito teu?
Porém, que muito
Que irado esteja
O teu semblante...
Tambem tropeja
O claro céo.

Eu sei, Marilia,
Que outra pastora,
A toda a hora,
Em toda a parte,
Cega namora
Ao teu pastor.
Ha sempre fumo
Aonde ha fogo:
Assim, Marilia,

Marília de Dirceu

Ha zelos, logo
Que existe amor.

Olha, Marília,
Na fonte pura
A tua alvura,
A tua bocca,
E a compustura
Das ma's feições.
Quem tem teu rosto
Ah! não receia
Que terno amante
Solte a cadêa,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
Nestas campinas
Sem as boninas
No seu cabelo,
Sem pelles finas
No seu jubão.
Porém, que importa?
O rico asseio
Não dá, Marília,
Ao rosto feio
A perfeição.

LYRA XVII

Não vês aquelle velho respeitavel
Que, á muleta encostado,
Apenas mal se move e mal se arrasta?
Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo!
O tempo arrebatado,
Que o mesmo bronze gasta.

Enrugaram-se as faces, e perderam
Seus olhos a viveza;
Voltou-se o seu cabello em branca neve,
Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo;
Nem tem uma belleza
Das bellezas que teve.

Assim tambem serei, minha Marilia,
Daqui a poucos annos;
Que o impio tempo para todos corre:
Os dentes cairão, e os meus cabellos;
Ah! sentirei os damnos,
Que evita só quem morre!

Mas sempre passarei uma velhice
Muitos menos penosa,

Marília de Dirceu

Não trarei a muleta carregada:
Descansarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa,
Na tua mão nevada.

Nas frias tardes, em que negra nuvem
Os chuueiros não lance,
Irei contigo ao prado florescente;
Aqui me buscarás um sitio ameno,
Onde os membros descanse,
E o brando sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo
Os olhos por aquella
Vistosa parte, que ficar fronteira,
Apontando direi: «Alli falámos,
Alli, ó minha bella,
Te vi a vez primeira».

Verterão os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria;
Farão teus olhos teinos outro tanto,
Então darei, Marília, frios beijos
Na mão formosa e pia
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marília, docemente
Meu corpo supportando
Do tempo deshumano a dura guerra;
Contente morrerei, por ser Marília
Quem, sentida, chorando,
Meus baços olhos cerra.

LYRA XVIII

Eu, Glauceste, não duvido
Ser a tua Eulina amada
Pastora formosa,
Pastora engraçada;
Vejo a sua côr de rosa,
Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpúreos beiços,
Vejo o peito crystallino;
Nem ha cousa que assemelhe
Ao crespo cabello louro;
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale um immenso thesouro!

Ella vence muito e muito
A laranjeira copada,
Estando de flôres,
E frutos ornada:
É, Glauceste, os teus amôres,
E nem por outra pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bella fôra,

Marilia de Dirceu

O meu Glauceste cansara
As divinas cordas de ouro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale um immenso thesouro!

Sim, Eulina é uma Deusa;
Mas anima a formosura
De uma alma de féra,
Ou inda mais dura.
Ah! quando Dirceu pondera
Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o soffrimento,
E qual enfermo delira!
Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de ouro,
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

O fuzil que imita a cobra
Tambem aos olhos é bello:
Mas quando alumeia
Tu tremes de vel-o.
Que importa se mostre cheia
De mil bellezas a ingrata?
Não se julga formosura
A formosura que mata.
Evita, Glauceste, evita
O teu estrago e desdouro;
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

A minha Marilia quanto
A natureza não deve!

Marília de Dirceu

Tem divino rosto.
E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gosto,
Ri-se Marília contente;
Se canto, canta commigo,
E, apenas triste me sente,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabelo louro.
A minha Marília vale,
Vale um immenso thesouro.

LYRA XIX

Emquanto pasta alegre o manso gado,
Minha bella Marilia, nos sentemos
A sombra deste cedro levantado;
Um pouco meditemos
Na regular belleza,
Que em tudo quanto vive nos descobre
A sabia natureza.

Attende como aquella vacca preta
O novilhinho seu dos maïs separa,
E o lambe, emquanto chupa a lisa teta;
Attende mãis, ò cara,
Como a ruiva cadella
Supporta que lhe morda o filho o corpo,
E salte em cima della.

Repara como cheia de ternura
Entre as asas ao filho essa ave aquenta,
Como aquella esgravata a terra dura,
E os seus assim sustenta;

Marilia de Dirceu

Como se encoloriza,
E salta sem receio a todo o vulto
Que junto delles pisa.

Que gosto não terá esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando,
E reflectir então no seu semblante!
Quando, Marilia, quando
Disser comsigo:— É esta
De teu querido pae a mesma barba,
A mesma bocca e testa.

Que gosto não terá a mãe que toca,
Quando o tem nos seus braços, co'o dedinho
Nas faces graciosas e na bocca
Do innocente fi'hinho!
Quando, Marilia bella,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecel-a!

Que prazer não terão os paes ao verem
Com as mães um dos filhos abraçados;
Jogar outros à luta, outros correrem
Nos cordeiros montados!
Que estado de ventura!
Que até naquillo que de peso serve
Inspira amor, doçura.

LYRA XXI

Não sei Marília, que tenho,
Depois que vi o teu rosto;
Pois quanto não é Marília
Já não posso vêr com gosto.
Noutra idade me alegrava,
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro;
Hoje, ó bella, me aborreço
Inda o trato lisonjeiro
Do mais discreto pastor:
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de amor?

Saio da minha cabana
Sem reparar no que faço;
Busco o sítio aonde moras,
Suspendo defronte o passo.
Fito os olhos na janella,
Aonde, Marília bella,
Tu chegas ao fim do dia;

Marilia de Dirceu

Se alguém passa e te saúda,
Bem que seja cortezia,
Se accende na face a côr:
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de amor?

Se estou, Marilia, contigo,
Não tenho um leve cuidado;
Nem me lembra se são horas
De levar á fonte o gadô.
Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante
Finge um dia o meu desgosto:
Jamais, pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior:
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de amor?

Ando já com o juizo,
Marilia, tão perturbado,
Que no mesmo aberto sulco
Metto de novo o arado.
Aqui no centeio pégo,
Noutra parte em vão o ségo;
Se alguém commigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
Noutra cousa tão diversa,
Que nexo não tem menor:
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de amor?

Marilia de Dirceu

Se geme o bufô agoureiro,
Só Marilia me desvela,
Enche-se o peito de magoa,
Eu não sei a causa d'ella.
Mal durmo, Marília, sonho
Que fero leão medonho
Te devora nos meus braços;
Gela-se o sangue nas veias,
E sólto do somno os laços
À força da immensa dôr.
Ah! que os effeitos que sinto,
Só são effeitos de amor!

LYRA XXII

Muito embora, Marilia, muito embora
Outra belleza que não seja a tua,
Com a vermelha roda a seis puxada,
Faça tremer a rua.

As paredes da sala aonde habita
Adorne a seda e o tremó dourado;
Pendam largas cortinas, penda o lustre
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás palacios grandes,
Nem andarás nos coches voadores;
Porém terás um Vate, que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura,
E da pallida morte a mão tyranna
Arrasa os edificios dos Augustos,
E arrasa a vil choupana.

Marília de Dirceu

Que bellezas. Marilha, floresceram
De quem nem se quer temos a memoria!
Só pódem conservar um nome eterno
Os versos, ou a historia.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarca,
Por mais que qualquer dellas fosse linda,
Já não sabia o mundo se existiram
Nem Laura, nem Clorinda.

E melhor, minha bella, ser lembrada
Por quantos hão de vir sabios humanos,
Que ter urcos, ter coches e thesouros,
Que morrem com os annos.

LYRA XXIV

Encheu, minha Marilia, o grande Jove
De immensos animaes de toda a especie
 As terras, mais os ares,
O grande espaço dos solobros rios,
 Dos negros, fundos mares:
 Para sua defesa,
A todos deu as armas que convinha
 A sabia natureza.

Deu as asas aos passaros ligeiros,
Deu ao peixe escamoso as barbatanas,
 Deu veneno á serpente,
Ao membrudo elephante a enorme tromba,
 E ao javali o dente;
 Coube ao leão a garra,
Com leve pé saltando o cervo foge,
 E o bravo touro marra.

Ao homem deu as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas;

Marilia de Dirceu

Deu-lhe dedos ligeiros,
Que pôdem converter em seu serviço
Os ferros e os madeiros,
Que tecem fortes laços,
E forjam raios, com que aos brutos cortam
Os vôos, mais os passos.

As timidas donzellas pertenceram
Outras armas, que tem dobrada força,
Deu-lhes a natureza,
Além do entendimento, além dos braços,
As armas da belleza.
Só ella ao céu se atreve,
Só ella mudar pôde o gelo em fogo,
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada;
Vejo que foi de Helena o lindo rosto
Quem pôz em campo armada
Toda a força da Grecia;
E quem tirou o sceptro aos reis de Roma
Só foi, só foi Lucrecia.

Se pôdem lindos rostos, mal suspiram,
O braço desarmar do mesmo Achilles;
Se estes rostos irados
Pôdem soprar o fogo da discórdia
Em povos alliados:
Es arbitra da terra,
Tu pôdes dar, Marilia, a todo o mundo
A paz e a dura guerra.

LYRA XXVI

Tu não verás, Marília, cem captivos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
De pesado esmeril a grossa arêa,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar as virgens matas,
Queimar as capoeiras inda novas,
Servir de adubo á terra a fertil cinza,
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo,
Nem exprimer entre as dentadas rodas
Da doce çana o sumo.

Marília de Dirceu

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos,
Ver-me-ás folhear os grandes livros
E decidir os pleitos.

Emquanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sabia, mestra historia
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella;
Eu, vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma belleza,
Marília, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

LYRA XXVII

Alexandre, Marília, qual o rio
Que engrossando no inverno tudo arrasa,
Na frente das cohortes
Cerca, vence, abrasa
As cidades mais fortes...
Foi na glória das armas o primeiro:
Morreu na flôr dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum que não abata,
Foi, Marília, sómente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente.
Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vòa,
À sua mesma pátria a fé quebranta,

Marília de Dirceu

Na mão a espada toma,
Opprime-lhe a garganta,
Dá senhores a Roma,
Consegue ser heróe por um delicto!...
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscripto!

O ser heróe, Marília, não consiste
Em queimar os imperios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovôa a terra
Tambem o mau tyranno.
Consiste o ser heróe em viver justo:
E tanto póde ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu é que sou heróe, Marília bella,
Seguindo da virtude a honrosa estrada
Ganhei, ganhei um throno,
Ah! não manchei a espada,
Não o roubei ao dono;
Ergui-o no teu peito e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Uns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores
Atormentam remorsos e cuidados;
Nem descansam seguros
Nos palacios cercados
De tropa, e de altos muros.
E a quantos não mostra a sabia historia
A quem mudou o fado em negro opprobio
A mal ganhada gloria!

Marilia de Dirceu

Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto:
Quando estou acordado
Contemplo no teu rosto
De graças adórnado;
Se durmo, logo sonho e alli te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe
A mais o meu desejo!

LYRA XXIX

Tu, formosa Marília, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo ribeirão em que nasceste;
Deixa, Marília, agora
As já lavradas serras:
Anda afouta romper os grossos mares,
Anda encher de alegria extranhas terras;
Ah! que por ti suspiram
Os meus saudosos lares!

Não corres como Sapho, sem ventura,
Em seguimento de um cruel ingrato
Que não cede aos encantos da ternura;
Segues um fino amante,
Que a perder-te morria:
Quebra os grilhões do sangue e vem, ó bella!
Tu já foste no sul a minha guia,
Ah! deves ser no norte
Tambem a minha estrella!

Marilia de Dirceu

Verás ao deus Neptuno socegado
Aplainar c'o tridente as crespas ondas,
Ficar como dormindo o mar salgado,
Verás, verás d'alheta
Soprar o brando vento,
Mover-se o leme, desrinzar-se o linho,
Seguirem os delfins o movimento,
Que leva na carreira
O empavezado pinho.

Verás como o leão na prôa arfando
Converte em branca espuma as negras ondas,
Que atalha e corta com murmúrio brando;
Verás, verás, Marilia,
Da janella dourada,
Que uma comprida estrada representa
A lympha crystallina, que pisada
Pela popa que foge,
Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immense
Tornar ao torto anzol, depois de o terem
Pela rasgada bocca ao ar suspenso;
Os pequenos peixinhos
Quaes passaros voarem;
De toninhas verás o mar coalhado,
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas
Que fórma o vento irado:

Verás que o grande monstro se apresenta,
Um repuxo formando com as aguas

Marilia de Dirceu

Que ao ar espalha da robusta venta;
Verás, enfim, Marilia,
As nuvens levantadas,
Umás de côr azul, ou mais escuras,
Outras de côr de rosa, ou prateadas,
Fazerem no horizonte
Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Tejo,
Apenas elle vir o teu semblante,
Dará no leme do baixel um beijo.
Eu lhe direi vaidoso:
— Não trago, não, commigo,
Nem pedras de valor, nem montes d'ouro;
Roubei as aureas Minas, e consigo
Trazer para os teus cofres,
Este maior thesouro.

LYRA XXXIV

N'uma noite socegado
Velhos papeis revolvía,
E por ver de que tratavam
Um por um a todos lia.

Eram cópias emendadas
De quantos versos melhores
Eu compuz na tenra idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas,
Leio excessos mal acceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo sem-razões tamanhas,
Eu exclamo transportado:
— Que finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!

Marília de Dirceu

Junto, pois, n'um grande monte
Os soltos papeis, e logo,
Porque reliquias não ficaram,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o deus cego
Com semblante carregado
Assim me fala, e crimina
O meu intento acertado:

— Queres queimar esses versos?
Dize, pastor atrevido,
Essas lyras não te foram
Inspiradas por Cupido?

Achas que de taes amores
Não deve existir memoria?
Sepultando esses triumphos,
Não roubas a minha gloria?

Disse amor; e, mal se cala,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com um semblante sereno
Assim á queixa respondo:

— Depois, Amor, de me dares
A minha Marília bella,
Devo guardar umas lyras?
Que não são em honra della?

Marilia de Dirceu

E que importa, Amor, que importa,
Que a estes papeis destrua,
Se é tua esta mão que os rasga,
Se a chamma que os queimã é tua?—

Apenas Amor me escuta
Manda que os lance nas brasas;
E ergue a chamma co' o vento
Que formou batendo as asas.

LYRA XXXV

Em cima dos viventes fatigados
Morpheu as dormideiras expremia;
Os mentrosos sonhos me cercavam;
Na vaga fantasia
Ao vivo me pintavam
As glorias, que, desperto,
Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a nau possante,
Nos braços conduzindo a minha bella;
Voltêa a grande roda, e a grossa amarra
Se enleia em torno d'ella;
Já ponho a prôa á barra,
Já cai ao som do apito
Ora uma, ora outra vela.

Os arvoredos já se não distinguem,
A longa praia ao longe não branqueja;
E já se vão sumindo os altos montes,
Já não ha que se veja

Marilia de Dirceu

Nos claros horizontes
Que não sejam vapores,
Que céu e mar não seja.

Parece vão correndo as negras aguas,
E o pinho, qual rochedo, estar parado;
Ergue-se a onda, vem a nau direita
E quebra no costado;
O navio se deita,
E elle finge a ladeira
Saindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes,
Cair do láis a linha que os engana;
Um dourado no anzol está pendente,
Soffre morte tyranna;
Entretanto que a sente,
Ao tombadilho açouta
A cauda e a barbatana.

Sobre as ondas descubro uma carroça
De formosas conchinhas enfeitada;
Delfins a movem, e vem Thetis nella;
Na pôpa está parada;
Nem pôde a deusa bella
Tirar os brandos olhos
Da minha doce amada.

Nas costas dos golfinhos vêm montados
Os nús Tritões, deixando a esfera cheia
Com o rouco som dos búzios retorcidos;

Marília de Dirceu

Recreia, sim, recreia
Meus attentos ouvidos
O canto sonoro
Da musica sercia.

Já sobe ao grande mastro o bom gageiro
Descobre arrumação, e grita — terra!
A' murada caminha alegre a gente;
Alguns entendem que erra;
Pelo immovel sómente.
Conheço não ser nuvem,
Sim o cume de serra.

De Mafra já descubro as grandes torres,
E que nova alegria me arrebatá!
De Cascaes a muleta já vem perto;
Já de abordar-nos trata;
Já o piloto esperto
Inda debaixo manda
Soltar mezena e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra,
A grossa artilheria já me atroa;
Lá ficam Paço d'Arcos e Junqueira;
Já corre pela prôa
Uma amarra ligeira;
E a nau já fica surta
Diante da grão Lisboa.

Agora, agora sim, agora espero
Renovar da amizade antigos laços;

Marilia de Dirceu

Eu vejo o velho pae que lentamente
Arrasta a mim os passos;
Ah! como vem contente!
De longe mal me avista,
Já vem abrindo os braços.

Dóbro os joelhos, pelos pés o aperto;
E manda que dos pés ao peito passe:
Marilija quanto eu fiz fazer intenta;
Antes que os pés lhe abrace,
Nos braços a sustenta;
Dá-lhe de filha o nome,
Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada, oh! céos, acordo!
Conheço não estar no claro Tejo;
Abro os olhos, procuro a minha amada,
E nem sequer a vejo!
Venha a hora afortunada,
Em que não fique em sonho
Tão ardente desejo!

LYRA XXXVI

Péga na lyra sonora,
Péga, meu caro Glauceste,
E, ferindo as cordas de ouro,
Mostra aos rusticos pastores
A formosura ce'este
De Marilia, meus amores.

Ah! p'nta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso!
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino,
E o teu canto sonoro
Tambem do seu rosto é dino.

Ah! pinta, pinta
A minha bella!

Marília de Dirceu

E em nada a cópia
Se afaste della.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lírio e fez a neve.

Ah! pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

A pintar as negras tranças
Peço que mais te desveles,
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando;
Uns tecendo cordas delles,
Outros com elles brincando.

Ah! pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Para pintares, Glauceste,
Os seus beijos graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada,
E para os olhos formosos,
A estrella da madrugada.

Marília de Dirceu

Ah! pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita,
Passa a outros dotes, passa;
Pinta da vista e do riso
A modestia, mais a graça.

Ah! pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pinta o garbo de seu corpo
Com expressões deliçadas;
Aos seus pés, quando passeiam,
Pisando ternos amores;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flôres.

Ah! pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pinta mais, prezado amigo,
Um terno amante beijando
Suas douradas cadêas;

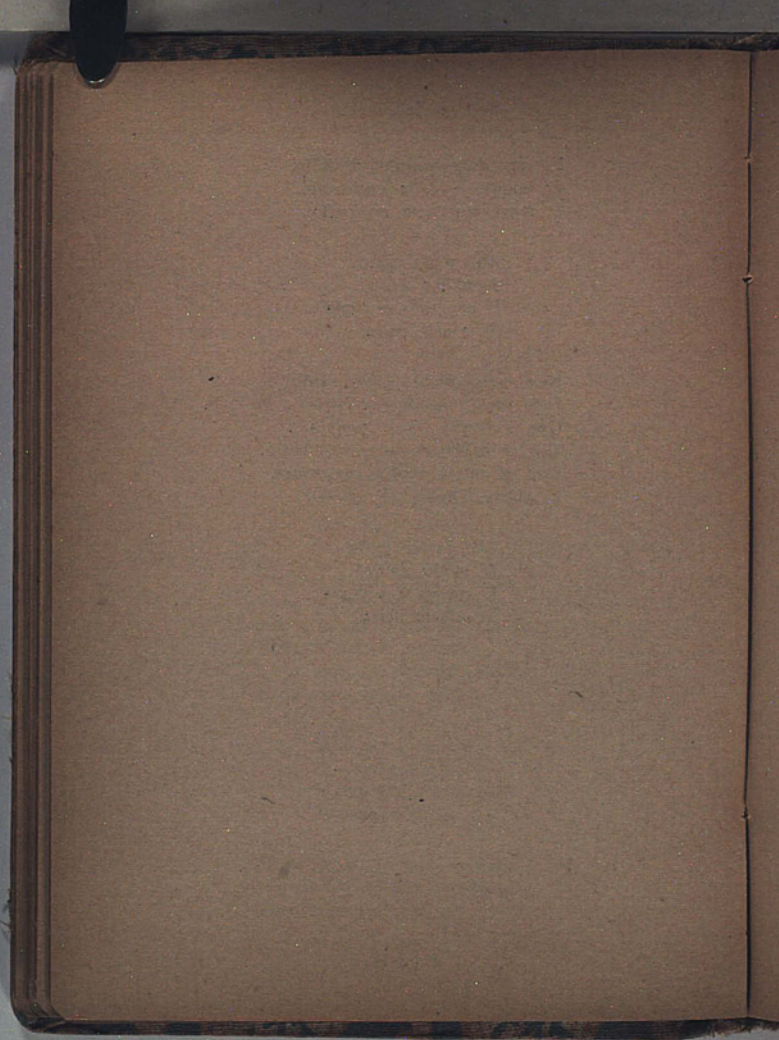
Marilia de Dirceu

E, em doce pranto desfeito,
Ao monte e valle ensinando
O nome que tem no peito.

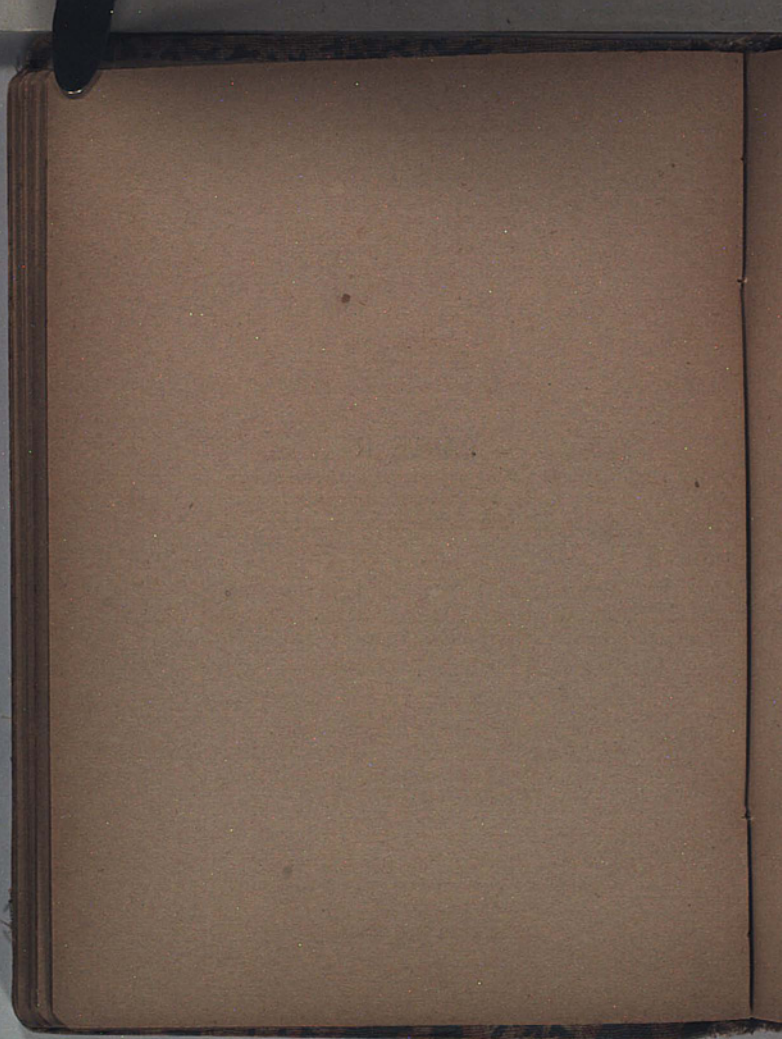
Ah! pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Nem suspendas o teu canto,
Inda que, pastor, se veja
Que a minha bocca suspira,
Que se banhe em pranto o rosto,
Que os outros choram de inveja,
E chora Dirceu de gosto.

Ah! pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.



PARTE II



LYRA III

Exprema a vil calúnia muito embora,
Entre as mãos denegridas e insolentes,
Os venenos das plantas
E das bravas serpentes...

Chovam raios e raios, no meu rosto
Não has-de ver, Marília, o medo escripto,
O medo perturbante,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito, conheço, pódem muito
As furias infernaes, que Pluto move,
Mas póde mais que todas
Um dedo só de Jove.

Este deus converteu em flôr mimosa,
A quem seu nome deram, a Narciso;
Fez de muitos os astros
Qu'inda no céu diviso.

Marilia de Dirceu

Elle pôde livrar-me das injurias
Do nescio, do atrevido ingrato povo;
Em nova flôr mudar-me,
Mudar-me em astro novo.

Porém, se os justos céos, por fins occultos,
Em tão tyranno mal me não soccorrem,
Verás então que os sabios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo!
Tu, formosa Marilia, bem o sabes;
Um coração... e basta
Onde tu mesma cabes.

LYRA IV

Succede, Marilia bella,
A' medonha noite o dia,
A' estação chuvosa e fria
A quente secca estação...
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos nas primaveras
Brotam em flôres viçosos,
Nos invernos escabrosos
Largam as folhas no chão...
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortam
Armadas redês os passos,
Rompem depois os seus laços.
Fogem da dura prisão...
Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Marília de Dirceu

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção:
Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Aos altos deuses moveram
Soberbos gigantes guerra,
No mais tempo o céu e a terra
Lhes tributa adoração:
Muda-se a sorte dos deuses;
Só a minha sorte não?

Ha de, Marília, mudar-se
Do destino a inclemencia;
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão:
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A verdade a vil traição:
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo,
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha...
Que feliz consolação!
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não?

LYRA V

Já, já me vai, Marília, branquejando
Louro cabelo que circula a testa;
Este mesmo que alveja, vai caindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos...
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam;
As forças dos meus membros já se gastam;
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés e arrastam.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marília, os sentimentos
Fazem os mesmos damnos.

Marilia de Dirceu

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gosto;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso verão as plantas seccam;
Na primavera, que os mortaes encanta,
Apenas cai do céu o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece,
Mas, logo que a doença faz seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente, ou qual a planta.
No meio da desgraça que me altera:
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual a primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos astros luz e vida ás flôres.
Que effeitos não farão em quem por elles
Sempre morreu de amores?

LYRA VI

Os mares, minha bella, não se movem,
O brando Norte assopra; nem diviso
Uma nuvem sequer na esphera toda;
O destro nauta aqui não é preciso;
Eu só conduzo a nau, eu só modero
Do seu governo a roda.

Mas ah! que o sul carrega, o mar se empola,
Rasga-se a vela, o mastaréo se parte!
Qualquer varão prudente aqui já teme:
Não tenho a necessaria força e arte...
Corra o sabio piloto, corra e venha
Reger o duro leme,

Como succede á nau no mar, succede
Aos homens na ventura e na desgraça;
Basta ao feliz não ter total demencia...
Mas quem de venturoso a triste passa
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da san prudencia.

Marília de Dirceu

Todo o céu se cobriu; os raios chovem,
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto,
Ah! não, não tardes; vem, Marília amada,
Toma e leme da nau, marêa o panno,
Vai a salvar no porto!

Mas ouço já de amor as sabias vozes:
Elle me diz que soffra, se não morro,
E perco então, se morro, uns doces laços:
Não quero já, Marília, mais soccorro;
Oh! ditoso soffrer, que lucrar póde
A gloria dos teus braços!

LYRA VII

Vou-me, ó bella, deitar na dura cama,
De que nem sequer sou o pobre dono:
Estende sobre mim Morpheu as asas,
E vem ligeiro o somno.

Os sonhos, que rodeiam a tarimba,
Mil cousas vão pintar na minha idéa...
Não pintam cadafalsos, não; — não pintam
Nem uma imagem feia.

Pintam que estou bordando um teu vestido,
Que um menino com asas, cégo e louro,
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio de ouro...

Pintam que entrando vou na grande igreja,
Pintam que as mãos nos damos, e aqui vejo
Subir-te á branca face a côr mimosa,
A viva côr do pejo...

Marília de Dirceu

Pintam que nos conduz dourada sége
A nossa habitação, que mil amores
Desfolham sobre o leito as molles folhas
Das mais cheirosas flôres...

Pintam que desta terra nos partimos,
Que os amigos saudosos e suspensos
Apertam nos inchados, roxos olhos
Os já molhados lenços...

Pintam que os mares sulco da Bahia,
Onde passei á flôr da minha idade,
Que descubro as palmeiras, e, em dois bairros
Partida, a grão cidade...

Pintam leve escaler, e que na prancha
O braço já te off'reço reverente,
Que te aponta co'o dedo, mal te avista,
Amontoada gente.

Aqui — Alerta!... grita o mau soldado;
E o outro — Alerta estou!... lhe diz gritando:
Acórdo com a bulha, e então conheço
Que estava aqui sonhando!

Se o meu crime não fosse só de amores,
A ver-me delinquente, réo de morte,
Não sonhára, Marília, só contigo,
Sonhára de outra sorte.

LYRA IX

Meu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito
Que, bem que réo, abrigo
A candida virtude no meu peito;
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão socorro,
Ah! vem m'ó dar agora,
Agora sim, que morro.

Não quero que, montado
No Pegaso feroso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame trespassar raivoso;
Deixa que viva a pérfida calúnia,
E forge o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste
Com menos me contento.

Toma a lyra dourada,
E toca um pouco nella;

Marília de Dirceu

Levanta a voz celeste
Em parte que te escute a minha bella;
Enche todo o contorno de alegria;
Não soffras que o desgosto
Afogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que um bom cantor havia
Que os brutos amansava,
Que os troncos e os penedos attraia;
De outro destro cantor tambem affirma
A sabia antiguidade
Que as muralhas erguera
De uma grande cidade.

Orpheu as cordas fere;
O som delgado e terno
Ao rei Plutão abranda,
E o deixa que penetre o fundo Averno.
Ah! tu a nem um cedés, meu Glauceste,
Na lyra e mais no canto;
Pódes fazer prodigios,
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta, pois, as vozes:
Que mais, que mais esperas?
Consola um peito afflicto,

Marilia de Dirceu

Que é menos ainda, que domar as feras,
Com isto me darás no meu tormento
Um doce lenitivo;
Que, em quanto a bella vive,
Tambem, Glauceste, vivo.

LYRA XII

Se acaso não estou no fundo Averno,
Padece, minha bella, sim padece
 O peito amante e terno
As afflicções tyrannas que aos precitos
Arbitra Rhadamanto em justa pena
 Dos barbaros delictos.

As furias infernaes, rangendo os dentes,
Com a mão escarnada não me applicam
 As raivosas serpentes;
Mas cercam-me outros monstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes.
 De mil e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha
 Ou em mover a roda;
Mas tenho ainda mais cruel tormento:
Por cousas que me affligem, roda e gira
 Cansado pensamento.

Marilia de Dirceu

Com retorcidas unhas agarrado
As tépidas entranhas não me come
Um abutre esfaimado;
Mas sinto de outro monstro a crueldade:
Devora o coração, que mal palpita,
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
Que de mim se retiram quando busco
Fartar o meu desejo;
Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato
Que lograr-te não possa, estando vendo
Nesta alma o teu retrato.

Estou no inferno, estou, Marilia bella;
E n'uma cousa só é mais humana
A minha dura estrella:
Uns não pódem mover do inferno os passos,
Eu pretendo voar, e voar cedo
A'gloria dos teus braços.

LYRA XIII

Arde o velho barril, arde a cabeça,
Em honra de João na larga rua;
O credulo mortal agora indaga
Qual seja a sorte sua!

Eu não tenho alcachofra, que á luz chegue,
E nella orvalhe o céu de madrugada,
Para ver se rebentam novas folhas
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho um ovo, que despeje
Dentro d'um copo d'agua, e possa nella
Fingir palacios grandes, altas torres,
E uma nau á véla.

Mas ah! eu bem me lembro, eu tenho ouvido
Que na bocca um bochecho d'agua tome,
E atrás de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir um nome.

Marília de Dirceu

Que o nome, que primeiro ouvir, é esse
O nome que ha de ter a minha amada:
Póde verdade ser; se for mentira,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar; e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a bocca; ah! não sei como
Não morro allí de penal

Apparece Cupido: então, soltando
Em ar de zombaria uma risada,
«— E que tal, me pergunta, esteve a peça?
Não te foi bem pregada?

Eu já te disse que Marília é tua:
Tu fazes do meu dito tanta conta
Que vais acreditar o que te ensina
Velha mulher já tonta.»

Humilde lhe respondo: — «Quem debaixo
Do açoite da fortuna afflicto geme,
Nas mesmas cousas que só são brinquedos,
Se agouram males, teme.»

LYRA XIV

Ah! Marília, que tormento
Não tens de sentir saudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma aldêa,
Que tyrannos não proponham
Á inda inquieta idéa
Uma imagem de afflicção.
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando leares, Marília,
Teu ledo rebanho ao prado,
Tu dirás: « Aqui trazia
Dirceu tambem o seu gado.»
Verás os sitios ditosos,
Onde, Marília, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Marilia de Dirceu

Quando á janella safres,
Sem querer, descuidada,
Tu verás, Marilia, a minha,
A minha pobre morada:
Tu dirás então comigo:
«Alli Dirceu esperava
Para me levar consigo;
E alli soffreu a prisão.»
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
Do caro Glauceste a choça,
Onde alegre se juntavam
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás de mágua cheia:
«Todo o congresso alli anda,
Só o meu amado não.»
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado,
Tu dirás: «Não foi tyranna
Sómente commigo a sorte;
Tambem cortou deshumana
A mais fiel união.»
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Marília de Dirceu

N'uma masmorra mettido,
Eu não vejo imagens destas,
Imagens que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados, roxos olhos,
Estão, que é mais, retratadas
No fundo do coração.
Tambem mando aos surdos deuses
Tristes suspiros em vão.

LYRA XV

Vês, Marília, um cordeiro,
De flôres enramado,
Como alegre corre
A ser sacrificado?
O povo para o templo já concorre;
A pyra sacro-santa já se accende;
O ministro o fere, elle bala e morre.

Vês agora o novilho,
A quem segura o laço?
No chão as mãos espéca,
Nem quer mover um passo;
Não conhece que sai de um mau terreno:
Que o forte pulso que a seguir o arrasta
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto como
Lhe dispomos a sorte;
Um vai forçado á vida,
Vai outro alegre á morte:
Nós temos, minha bella, igual demencia;

Marília de Dirceu

Não sabemos os fins com que nos move
A sábia, occulta mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
Os maus matar quizeram,
De conselho mudáram:
Como escravo o venderam.

José não corre a ser um servo afflictio;
Vai subindo os degraus, por onde chega
A ser um quasi deus no grande Egypto.

Quem sabe se o destino
Hoje, ó bella, me prende,
Só porque n'isto de outros
Mais damnos me defende?

Póde ainda raiar um claro dia,
Mas quer raie, quer não, ao céo adoro,
E beijo a santa mão que assim me guia.

LYRA XVI

Alma digna de mil avós augustos!
Tu sentes, tu soluças,
Ao ver cair os justos;
Honras as santas leis da humanidade;
E os teus exemplos deve
Gravar com letras de ouro no seu templo
A candida amizade.

Não é, não é de heróe uma alma forte,
Que vê com rosto enxuto
No seu igual a morte;
Não é tambem de heróe um peito duro,
Que a sua gloria firma
Em que não resiste ao ferro e fogo,
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo e chora!
É grande para mim, quem move os passos,
E de Dario aos filhos,

Marília de Dirceu

Que como escravos seus tratar pudera,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Enéas, capitão piedoso,
Entre os heróes do mundo
Um nome glorioso,

Não é porque levanta uma cidade;
É sim porque nos hombros
Salvou do incendio ao pae, a quem detinha
A mão da longa idade.

Se ao meu contrario entre chammas vira,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remira;

Inda por elle muito mais obrara...
E, se nada servisse,

Fizera então, amigo, o que fizeste:
— Gemera e suspirara.

Oh! quanto são duraveis as cadeias
De uma amizade, quando
Se dão iguaes ideias!

Se, apesar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera,

Foi por ser a minha alma igual á tua,
E a tua igual á minha.

Se o caro amigo te merece tanto,
Lá lhe fica a sua alma;
Limpa-lhe o terno pranto.

De quem eu falo, és tu, Marília bella!
Ah! sim, honrado amigo,

Se enxugar não poderes os seus olhos,
Pranteia então com ella.

LYRA XVII

Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro,
Fui honrado pastor da tua aldeia;
Vestia finas lans, e tinha sempre
A minha choça do preciso cheia.
Tiraram-me o casal e o manso gado;
Nem tenho a que me encoste um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria
De mór rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabellos,
Ainda muito mais que um grande throno.
Agora que te offerte já não vejo,
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuizo,
Eu alegre ficava apenas via
Na tua breve bocca um ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Marília de Dirceu

Propunha-me a dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoulas na floresta;
Julgou o justo céo que não convinha
Que a tanto gráu subisse a gloria minha.

Ah! minha bella, se a fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo;
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar no céo a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de um bom rebanho.
Para o contagio lhe não dar, sobeja.
Que as afague Marília, ou só que as veja.

Se não tivermos lan e pelles finas,
Podem muit bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal curtidas
E os pannos feitos com as lans mais grossas.
Mas, ao menos, será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cosido.

Nós iremos pescar na quente sésta
Com canas e com cestos os peixinhos;
Nós iremos caçar nas manhans frias

Marilia de Dirceu

Com a vara envisgada os passarinhos;
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o verão sabio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
Co'os filhos, se os tivermos, á fogueira:
Entre as falsas historias que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira;
Pasmados te ouvirão; eu, entretanto,
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostrarão co'o dedo os mais pastores,
Dizendo uns para os outros: «Olha os nossos
Exemplos da desgraça e são amores.»
Contentes viveremos desta sorte,
Até que chegue a um dos dois a morte.

LYRA XXII

Nesta triste masmorra,
De um semivivo corpo sepultura,
Inda, Marília, adoro
A tua formosura;
Amor na minha idéa te retrata;
Busca extremoso que eu assim resista
À dôr immensa que me cerca e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto e escuto
A tua voz e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos;
Eu beijo a tibia luz em vez de face,
E aperto sobre o peito em vão os braços?...

Conheço a illusão minha;
A violencia da magua não supporto;
Foge-me a vista e caio,
Não sei se vivo, ou morto;
Enternece-se amor de estrago tanto;

Marília de Dirceu

Reclina-me no peito e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento
Por largo espaço a imagem de um defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto.
Conheço então que amor me tem' consigo;
Ergo a cabeça que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo:

«Se queres ser piedoso,
Procura o sitio em que Marília móra,
Pinta-lhe e meu estrago,
E vê, Amor, se chora.
Se lagrimas verter, se a dor a arrasta,
Uma dellas me traze sobre as pennas,
E para allivio meu só isto basta.»

LYRA XXIV

Que diversas que são, Marília, as horas,
Que passo na masmorra, immunda e feia,
D'essas horas felices já passadas
Na tua patria aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste,
E, á sombra de alto cédro, na campina,
Eu versos te compunha, e elle os compunha
A sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;
De exceder um ao outro qualquer trata;
O écho agora diz: Marília terna;
E logo: Eulina ingrata.

Deixam os mesmos satyros as grutas,
Um para nós ligeiro move os passos;
Ouve-nos de mais perto e faz a flauta
Co'os pés em mil pedaços.

Marília de Dirceu

«Dirceu, clama um pastor, ah! bem merece
Da candida Marília a formosura!»
«E aonde, clama o outro, quer Eulina
Achar maior ventura?»

Nem um pastor cuidava do rebanho,
Emquanto em nós durava esta porfia.
E ella, ó minha amada, só findava
Despois de acabar-se o dia.

À noite te escrevia na cabana
Os versos que de tarde havia feito;
Mal t'os dava e os lias, os guardavas
No casto e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças,
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento,
Eu agora, Marília, não as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

LYRA XXXIV

Roubou-me, ó minha amada, a sorte impia
Quanto de meu gosava
N'um só funesto dia;

Honras de maioral, manada grossa,
Fertil, extensa herdade,
Bem reparada choça.

Metteu-me nesta infame sepultura,
Que é sepulcro sem honras,
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha amada, nem consigo
Venha outro desgraçado
Sentir tambem commigo.

Mas, se esta companhia não mereço
Os deuses me dão outra,
Inda de mais apreço.

Marília de Dirceu

Não é, não, illusão o que te digo,
Tu mesma me acompanhas...
Peno, mas é contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabellos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera,
Bem que subira ao potro,
Bem que na cruz pendera.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
Às vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas,
Uma por uma beijo,
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor na ausencia
Será leal e fino.

De novo a carta ao coração apérto.
De novo a mólha a pranto
Que de ternura verto.

Ah! leve muito embora o duro fado
A tudo quanto tenho
Com meu suor ganhado...

Marília de Dirceu

Eu juro que do roubo nem me queixe,
Comtando, ó minha cara,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subiram
Os que te amam, sómente
Porque menos te ouviram?

Dê, pois, aos mais seus bens a deusa céga;
Que eu tenho aquella gloria
Que a mil felices nega.

LYRA XXXVI

Meu sonoro passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Um doce contentamento...

Ah! não cantes mais, não cantes,
Se me queres ser propicio...
Eu te dou em que me faças
Muito maior beneficio.

Procura o porto da Estrella,
Ergue o corpo, os ares rompe,
Sóbe a serra, e, se cansares,
Descansa n'um tronco della.

Toma de Minas a estrada,
Na Igreja Nova, que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Villa Rica.

*Ref. a cida
alle del
Barbaceus*

Marília de Dirceu

Entra nessa grande terra,
Passa uma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira,
Tem um palácio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Uma rasgada janella;
É da sala aonde assiste
A minha Marília bella.

Para bem a conheceres,
Eu te dou os signaes todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições e modos.

O seu semblante é redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros e finos cabellos,
Carnes de neve formadas...

A bocca risonha e breve,
Suas faces côr de rosa,
N'uma palavra, a que vires
Entre todas mais formosa.

Chêga eittão ao seu ouvido,
Dize que sou quem te mando,
Que vivo n'esta masmorra,
Mas sem allivio penando.

LYRA XXXVIII

Eu vejo aquella deusa,
Astréa pelos sabios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada:
O vê-la não me causa um leve abalo,
Mas antes, atrevido,
Eu a vou procurar e assim lhe falo:

«Qual é o povo, dize,
Que commigo concorre no attentado?
Americano povo!
O povo mais fiel e mais honrado!
Tira as praças das mãos do injusto dono,
Elle mesmo as submette
De novo á sujeição do luso throno.

«Eu vejo nas historias
Rendido Pernambuco aos Hollandeses;
Eu vejo saqueada
Esta illustre cidade dos Franceses;
Lá se derrama o sangue brasileiro;

Marília de Dirceu

Aqui não basta, suppre
Das roubadas familias o dinheiro...

Emquanto assim falava,
Mostrava a deusa não me ouvir com gosto;
Punha-me a vista tesa,
Enrugava o severo e acceso rosto:
Não suspendo, comtudo, no que digo;
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo e assim prosigo:

«Acabou-se, tyranna,
A honra, o zelo deste luso povo?
Não é aquelle mesmo,
Que estas acções obrou, é outro novo?
E póde haver direito que te mova
A suppor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

«Ha, em Minas, um homem,
Ou por seu nascimento, ou seu thesouro,
Que aos outros mover possa
A força de respeito, á força d'outro?
Os bens de quantos julgas rebellados
Podem manter na guerra
Por um anno, sequer, a cem soldados?

«Ama a gente assisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha uma acção destas
Nas mãos d'um pobre, sem respeito e louco?
E quando a commissão lhe confiasse,

Marília de Dirceu

Não tinha pobre somma,
Que por paga, ou esmola lhe mandasse!

«Nos limites de Minas,
A quem se convidasse não havia;
Ir-se-iam buscar socios
Na Colonia tambem, ou na Bahia?
Está voltada a côrte brasileira
Na terra dos Suiços,
Onde as potencias vão erguer bandeira?

«O mesmo autor do insulto
Mais a riso do que a temor nos move;
Deu-lhe nesta loucura,
Podia-se fazer Neptuno, ou Jove.
A prudencia é tratal-o por demente,
Ou prendel-o e entregal-o,
Para delle zombar, a moça gente.»

Aqui, aqui a deusa,
Um extenso suspiro aos ares solta;
Repete outro suspiro,
E, sem palavra dar, as costas volta.
«Tu te irritas! lhe digo, e quem te offende?
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim; socega, attende.

«E tinha que offertar-me
Um pequeno, abatido e novo Estado,
Com as armas de fóra,
Com as suas proprias armas consternado!
Achas tambem que sou tão pouco esperto,
Que um bem tam contingente
Me obrigasse a perder um bem já certo?

Marilia de Dirceu

«Não sou aquelle mesmo,
Que a extincção do debito pedia?
Já viste levantado
Quem á sombra da paz alegre ria?
Um direito arriscado eu busco e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto e todo o meio?»

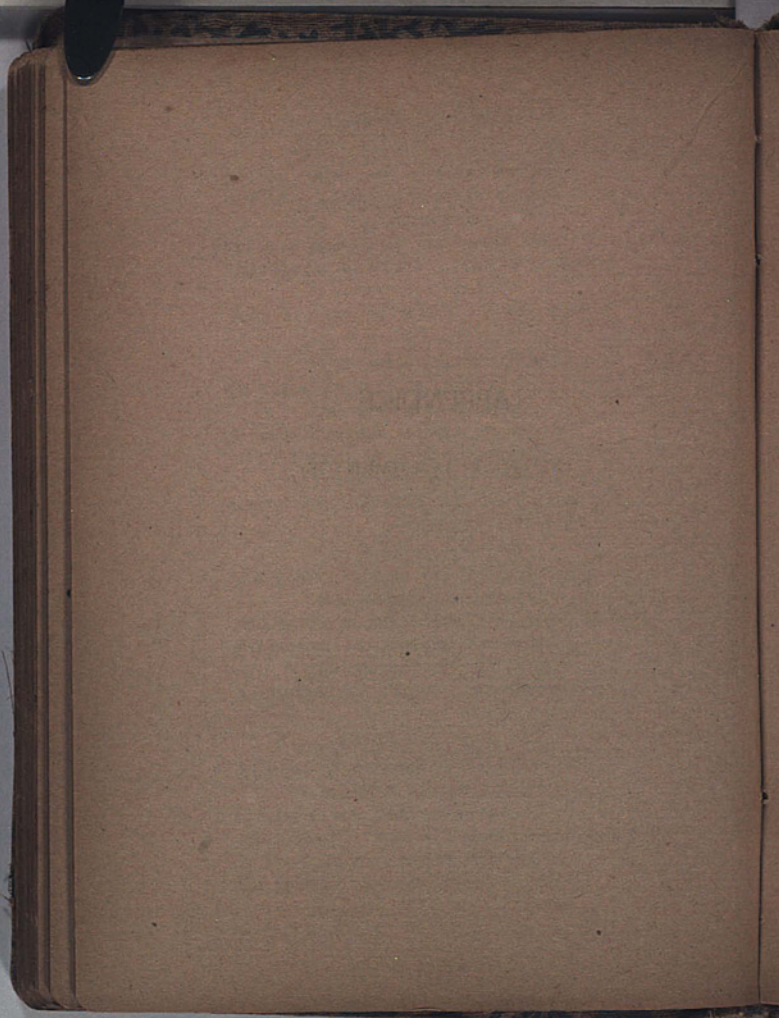
«Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna risonha
A mais formosos campos me convida?
Não me unira, se houvesse, aos vís traidores:
D'aquí nem ouro quero;
Quero levar sómente os meus amores.

«Eu, ó céga, não tenho
Um grosso cabedal dos mais herdado:
Não o recebi no emprego,
Não tenho as instrucções d'um bom soldado.
Far-me-iam os rebeldes o primeiro
No imperio que se erguia
À custa do seu sangue e seu dinheiro?»

Aqui, aqui de todo
A deusa se perturba e mais se altera;
Morde o seu proprio beijo;
O sitio deixa, nada mais espera.
«Ah! vae-te, então lhe digo, vae-te embora!»
Melhor, minha Marilia,
Eu gastasse contigo mais esta hora.

APPENDICE

(NOTAS E DOCUMENTOS).



NOTAS ÀS LYRAS

(PARTE I)

I

Imitação directa da ecloga II de Vergílio e indirecta dos idyllios VI e XI de Theocrito, caracteriza o *arcadismo* esporadico de Thomaz Antonio Gonzaga, excellendo entre as peças do genero que compoz.

—Embõra recorresse a fórmulas tradic'onaes, o A. unicamente punha em metro assumptos íntimos, i. é, só dizia, assim, de seu amor e de sua amizade:

Nem canto letra que não seja minha.

—Para designar poeticamente a amada, d. Maria Dorothea Joaquina de Seixas, desde logo adoptou o nome pastoril, de procedencia grega, que lhe offerencia o hexametro da bucólica primeiro alludida:

Castaneasque nuces, mea «Amaryll's» amabat;

mas na versão alliterada dos quincentistas lusitanos, *Marilia*, exemplificavel com a écloga V de Antonio Ferreira, paraphraseando a VIII do cysne de Mântua. (De modo análogo entrou no Parnaso português *Nise*, depois considerando mero anagramma de *I(g)nês*. E só

Marilia de Dirceu

por imitar a Metastasio é que Claudio chamou Nise a sua primeira Musa).

Marilia não é, portanto, simples representação anagrammatica de *Maria*, como geralmente se acredita.

O cryptonymo do poeta, a esse conjugado no título da obra, foi-lhe suggerido, á vez, pela passagem, injenuamente vaidosa, da mesma pastoral:

Canto quæ solitus, si quando armenta vocabat.
Amphion «Dirceus»

Reputava-se, elle tambem, um novo *Dirceu*, afim de mais lisonjear á que decantava.

— *Alceste*, correspondente ao *Amyntas* do modelo latino, é, com pouca differença exterior, *Glauceste*, o árcade amigo Claudio Manuel da Costa.

II

Retrato de Amor, transubstanciado na «bella».

—Oppõem-se ao verso da precedente:

Os teus cabellos são fios de ouro,

os desta:

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeam,
São que os de Apollo mais bellos,
Mas da loura côr não são:
Têm a côr da negra noite, etc..

Nas lyras VIII, XI e XVIII repete-se a affirmação da I; nas XXXVI, XXXVII, mais I,XXX e XXXVI da parte 2.^a, repete-se a affirmação da II.

Sendo contradictorios entre si os textos, devemos buscar fóra delles o *motivo*.

E achamol-o numa tradição literaria, de pura homenagem a Petrarca,

«Per rimembranza delle trece bionde»
de sua Laura.

Marilia de Dirceu

Depois desta, todas as bem-queridas, emmolduradas em verso, passaram a ser louras.

Quando um poeta intrinseca a regra, é que ama verdadeiramente uma mulher verdadeiramente morena, conforme observou Jusserand, a proposito de Rossini, cuja Cassandra nos apresenta loura e morena, a revéses.

Parecendo mal até semelhante infracção, Marot procurava excusar Magdalena de França, num epithalamio:

«Brunette» elle est, mais pourtant elle est belle,

com graciosidade não excedida na canção VI de Tasso:

«Bruna» sei tu, ma bella,

ambos tendo em mente, quiçá, a Sulamita,

«Nigra» sum, sed formosa,

do CANTICO DOS CANTICOS, I, 4, que Theocrito já imitara n-*Os ceifeiros*, idyllio X.

O italiano ainda tomou a defesa da côr morena em a JERUSALEM LIBERTADA, XII, 21:

Il «bruno» il bel non toglie.

Marilia tinha, pois, os cabellos negros, como asentámos, desenvolvendo o ponto, em AÉRIDES, art. *Loura, ou morena?*, pags. 53-7.

IX

Thema poetico Antigo, reavivado nas duas Renascenças.

Recordando uma canção de Gohrry, do seculo XVI, escreveu de Parny, no XVIII, o romance que começa:

Marilia de Dirceu

Vous, qui de l'amoureuse ivresse
Fûtes la loi,
Approchez-vous, belle jeunesse;
Écoutez-moi.
Votre cœur a beau se défendre
De s'enflammer:
Le moment vient; il faut se rendre;
Il faut aimer.

Seguem-se seis estrophes com o mesmo estribilho, que serve de título á composição, de 1777.

Igualmente denominada é a do contemporaneo Marmontel:

Il faut aimer. La nature indulgente
Nous donne à tous cette sage leçon.
Au fond du cœur, Iris, sa voix touchante
Vous dit tous bas, bien mieux que ima chanson:
Il faut aimer. La nature indulgente
Nous donne à tous cette sage leçon.

Conheceria Gonzaga taes poesias, com que tanto se parece a sua?

Dado o *rigorismo* em Portugal, para impedir a divulgação, no Reino e Colonias, de *idéas francesas* da época, é licito duvidar.

Porém a idéa do *Amor omnia vince*, aliás eterna e universal, fôra explorada em imagens comparativas, identicas ás do nosso poeta, nas GEORGICAS e no AMINTA, cujos autores lhe eram favoritos, ao que consta das CARTAS CHILENAS, III, 19-22:

O nosso hom Dirceu talvez que esteja,
Com os pés escondidos no capacho,
Mettido no capote, a ler gostoso
O seu Vergilio, o seu Camões e Tasso.

Tendo imitado já, a espaços das epístolas satiricas, o trecho interessante do l. III das GEORGICAS, imitou, em toda a lyra IX, o do a. I do AMINTA, no qual o ferrarês assimilara ainda outros logares do mantuano.

Marília de Dirceu

Exemplo da última especie:

Nec tamea interea raucae, tua cura, palumbes,
Nec gemere aeriâ cessabit turtur ab ulmo. (Ecl. I)

Mira lá quel colombo
Con che dolce susurro lusingando
Bacia la sua compagna. (AMINTA)
Em torno das castas pombas
Não rulam ternos pombinhos?
E rulam, Marília, em vão?
Não se afagam co'os biquinhos?
E a provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão? (Lyra)

Versando a these naturalista, nenhum estrangeiro se avantajou a Gonzaga. E os nacionaes Silva Alvarenga e Borges de Barros (Pedra Branca) ficaram a muita distancia de seu hymno, caloroso e colorido, á *suprema lex* da vida.

XI

Paraphrase da ode I da anacreontea alexandrina, escripta por um vate da Roma Imperial, imitando o fim do idyllio IV de Bion, de Smyrna.

—Edições modernas trazem na estrophe terceira:

Meus olhos só vêm praças e loureiros,
Vêm carvalhos e palmas;
Vêm os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.

Restituimos o texto da *principe*.

Com «gramas», o poeta alludia á *gramínea corona*, destinada a generaes que libertavam cidades de assédios (d'aqui o chamar-se-lhe tambem *obsidionalis corona*). Em «gramas», por *gramínea corona*, como em «loureiros», «carvalhos» e «palmas», por *laurea corona*, *querna coronâ* e *palmea corona*, ha uma synedoché—materia pela obra. De certo, a expressão «ramos honro-

Marília de Dirceu

sos», i. é, *corôas*, não pôde compreender *praças*, ainda subentendendo-se *de guerra*.

Mas, até depois de morto o pseudo Inconfidente, perseguiram-no com *praças*...

Nas duas impressões das CARTAS CHILENAS, I, 133, lê-se:

Das moças do paiz as frescas praças,
em vez de *graças*, sem duvida.

XII

Deriva-se da ode XIV do falso Anacreonte, a que Castilho José poz de commento:

E da natureza das cousas que todos os poetas eroticos se reconhecem e proclamem vencidos em seus combates com o deus do Amor.

Na lyra a fabula muda para o desfecho, apenas.

XIII

Filiando-se, de algum modo, a odes de Horacio, 10 do l. I e 9 do l. IV, constitue mais uma variação do thema célebre, versado por Catulio no carme V:

Vivamos, mea Lesbia, atque amemos,
.....

Soles occidere et redire possunt:
Nobis, quem semel occidet brevis
Nox est perpetua una dormienda.

—É do melhor timbre elegiaco a estrophe:

Ah! enquanto os destinos impiedosos
Não voltam contra nós a face irada,

Marilia de Dirceu

Façamos, sim façamos, doce amada
Os nossos breves dias mais ditosos.
Um coração, que, frouxo,
A grata posse de seu bem differe,
A si, Marilia, a si sómente rouba,
E a si proprio fere.

Nessa reminiscencia, como de Parny, nesta:

Fuyons ces tristes lieux, ô maitresse adorée!
Nous perdons en espo'r la moitié de nos jours.

Gonzaga prenuncia Lamartine:

La moitié de leurs jours, hélas! est consumée
Dans l'abandon des biens réels.

—Releva assignalar, entretanto, que os decasyllabos de abertura:

Minha bella Marilia, tudo passa;
A sorte desta desta vida é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça,

accusam outra fonte, como que traduzindo Plauto, AMPHYTRIÖES, a II, sc. II:

«Alcmena»: Satin' parva res est voluptatum in vita
Atque in ætate agunda
Præ quam quod molestum' st: ita quoique comparatum
Est in ætate hominum;
Ita dis placitum, voluptatem ut incror cornes consequatur;
Quin, incommodi plus malique illico adsit, boni si obtigit
Quid.

XVI

Deslinda o curioso desta lyra a parte essencial de nosso artigo *Amores de Gonzaga*, incluído em AÉRIDES, pags. 249-55:

Marília de Dirceu

Lê-se nas CARTAS CHILENAS, ed. de 1863,
XI, 15-7:

..... aquelle augmenta
A bulha que Dirceu com Lauro teve
Por ciumes crueis da sua amasia.

Silvio Roméro acoimou de amphibologico o trecho acima, por não lhe parecer liquida a relação de posse estabelecida pelo determinativo *sua*, inquirindo de quem era a *amasia* si de *Dirceu* ou de *Lauro*?

Ora, claro está que do primeiro, pois é elle o sujeito da clausu'a.

Demais, para nós, nem existiu o segundo, que alli figura devido a simples inadvertencia: o copista do original, ou o compositor typographico, tomando um *a* por um *o*, facilmente confundiveis em manuscripto, masculinizaria a querida menos idéal do poeta... Si houvesse, de facto, semelhante desaffecto de Thomaz Antonio Gonzaga, gemeria no porto da satira vingadora, como tantissimos outros.

Robustece nossa conjectura o não se encontrar noticia alguma de *Lauro*, ao passo que se topam duas referencias a *Laura*, qual a mais interessante.

Examinemos taes referencias, accentuando-lhes o particu'ar interesse.

São ambas do proprio bardo e acham-se na MARI-LIA DE DIRCEU, parte I.

Na lyra IV, o autor deixa perceber, incidente, mas não vagamente, que com ella tinha colloquios:

«Falando com Laura»
— Marília — dizia,
Sorria-se aquella,
E eu conhecia
«O eiro de amor».

Tomava a nuvem por Juno.

Na XVI, verdadeira carta de explicações, melhor, de satisfações á promettida consorte, procura inspirar-lhe confiança, exaltando a fidelidade já suspeita, senão increpada de qualquer modo:

Marilia de Dirceu

Que tens, Marilia,
Que ella suspire!
Que corra os valles!
Que os montes gyre,
Louca de amor!
«Ella é que sente
Esta des-í-a».

Temos, na passagem suppra, a descripção allegorica dos desatinos, «ciumes crueis», da outra, a «amasia, feita com vivacidade graciosa á noiva.

O vate, porém, lisonjeando esta, accede não poder supplantal-a a rival, inferior physica e moralmente:

Marilia bella,
«Nunca teceias
Damno daquella
Que igual não fôr».
Que mais desejas?
«Tens lindo aspecto»:
Dirceu se alenta
«De puro affecto,
De pundonor».

Quando quizessem considerar apocryphos estes versos, pelo motivo unico de não apparecerem nas edições primitivas, restar-nos-iam os seguintes, constantes de todas:

Eu sei, Marilia,
Que outra pastora
A toda hora,
Em toda a parte,
Céga namora
Ao teu pastor».
Ha sempre fumo
Aonde ha fogo:
Assim, Marilia,
«Ha zelos, logo,
Que existe amor».

Não anda «Laura»
Nestas campinas
Sem as boninas
No seu cabello,
Sem pelles finas

Marilia de Dirceu

No seu gibão.
Porém, que importa?
«O rico asseio
Não dá, Marília,
Ao rosto feio
A perfeição».

A pintura da que *cega o namorava, a toda hora e em toda parte*, equivale á da que, por elle, *gyrava os montes, louca de amor*.

Curioso é o citharedo qualificar, agora, de «rosto feio» o que antes confundia com o bello rosto de Marilia.

Desdem postico...

Na lyra IV, espontanea, ha a sinceridade do movimento intimo; na XVI, resultante de circumstancia premente, ha a dissimulação que se fazia mistér.

Não acreditamos no platonismo seródio de Thomaz Antonio Gonzaga, nem talvez acreditasse nisso d. Maria Dorothea Joaquina de Seixas, que, comtudo, lhe perdoaria as debilidades carnaes, contentando-se com seu devotamento espirital a ella, como pensa Olavo Bilac.

Mas, si a nova dos desembaraços, publicos, da luxuosa Laura chegara á modesta Marilia, no recato do lar, compellindo Dirceu á palinodia, nada lorigamos de inconveniente na allusão de Critillo, tanto mais quanto é certo que este, ao contrario dos communs escrevedores de cartas anonymas, buscava tambem quebrantar o arruido maligno: «...aquelle *augmenta* a bulha», i. é, empresta-lhe maior gravidade que a real. Os decasyllabos 15-7 da XI das CARTAS CHILENAS collimam, pois, o mesmo alvo ferido em toda a lyra XVI. Podiam e deviam até ser escriptos por Thomaz Antonio Gonzaga, sob a mascara de Critillo; na hypothese, o pseudonymo era elemento de prestigio: a verdade como que vinha proclamada por terceiro.

Cremos sufficiente a exegeze.

XVII

Como bem notou Araripe Junior, analysando o Gonzaga conhecido, todo o encanto da MARILIA DE

Marilia de Dirceu

DIRCEU, — a face original de seu anacreontismo, — que á Posteridade suscitou o melhor applauso para o poeta, decorre da aspiração deste a chefe de familia, no pleno goso das alegrias lareiras.

Assás demonstrativas da these, por extranhas ao nucleo das paraphrases do ficticio citharista de Téos, em razão da temperança erotica que as caracteriza, são as lyras XIX e XXVI, nas quaes o autor imagina para si, com irreprimivel deleite intimo, a felicidade domestica.

Examinemos as estrophes capitaes da primeira, em que elle, pela força do sentir, abandona a fórma idyllico-pastoril, do convencionalismo literario, adoptada a principio:

Que gosto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando.
E reflectir, então, no seu semblante!
Quando, Marília, quando,
Disser consigo: «É esta
Do teu querido pae a mesma barba,
A mesma bocca e testa!»

Que gosto não terá a mãe, que toca
(Quando o tem nos braços) co'o dedinho
Nas faces graciosas e na bocca
Do innocente filhinho!
Quando, Marilia bella,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecel-a!

No momento da composição, teria em mente o epithalamio LIX de Catullo, *Julia et Manlii*:

Torquatus voto parvulus
Matris et gremio suae
Porrigens teneram manum
Dulce rideat ad patrem
Semibante iabello,

e traduziu, pelos dous ultimos versos daquellas estrophes, o de Vergilio, na écloga IV:

Incipe, parve puer, risu cognoscere matrem.

Marilia de Dirceu

Mas o automatismo da imitação classica, embora destituída do tom supersticioso commum aos vates latinos (entre os antigos, a tristeza, numa creança, constituía mau presagio, signal de morte proxima), não exclue o sentimento verdadeiro.

Dirceu era já noivo de Marília, anhellava pelo enlace matrimonial com os naturaes corollarios; nessa situação psychologica, até os árduos encargos da próle se lhe afiguravam *doce estado de ventura*:

Que prazer não terão os paes ao verem
Com as mães um dos filhos abraçados;
Jogar outros a lucta, outros correrem
Nos cordeiros montados!
Que estado de ventura,
Que até naquillo que de peso serve
Inspira amor doçura!

Nas vespéras da Inconfidencia, em cuja denúncia o envolveriam almas abjectas, Gonzaga assim sonhava, que sonho de acordado é a esperança, no sabio conceito de Platão, apropriado pelos padres Manuel Bernardes e Manuel do Nascimento (*Fuinto Elysio*).

E, assim sonhando, em seu isolamento de solteiro, entre as sombras dos mestres queridos, de certo se comprazia em descrever, com uma pontinha de inveja innocua, a vida feliz dos amigos, vida tranquilla e patriarchal, como a que para si imaginava:

O terno Floridoro, a estas horas,
No molle espreguiceiro se reclina,
A ver brincar alegres os filhinhos:
Um já montado na comprida canna
E outro dependurado no pescoço
Da mãe formosa, que risonho abraça.

CARTAS CHILENAS, III, 23-8.

Isto é simples variante formal daquillo.

Marília de Dirceu

XVIII

Glosa á estrophe 16 da *Fabula do Ribeirão do Carmo*, de Claudio Manuel da Costa (*Glauceste Saturnio*). E desenvolvimento da lyra XV onde ha os versos:

Ama Apollo e o fero Marte;
Ama, Alceu, o mesmo Jove;

que lembram os de Diogo Bernardes, na Carta XXVI:

Amor venceu Apollo e venceu Marte
E Jupiter no céo.

Na lyra XV apparece quatro vezes, apropositadamente, *Alceu*, outro modo de Thomaz Antonio Gonzaga designar Claudio Manuel da Costa, não Ignacio José de Alvarenga Peixoto, conforme a inconsciencia repetidora de criticos desavisados.

Regeitada a hypothese de erro typographico, em a impressão de 1792, pag. 21 (ha quem jure pelas edições *principes*), onde está *Alceu* por *Dirceu* (o poeta referia-se evidentemente a si, não ao amigo), cumpriria admitir, na explicação de lapso do autor, aquella circumstancia.

Mas a regeição, observada ainda na u'tima brasileira, de 1910, torna o poeta responsavel pe'a quebra de um verso...

Não; na lyra XVIII, deve ler-se:

Ah! quando Dirceu pondera
Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o soffrimento,
E qual enfermo delira!

XXI

Theoria de Horacio, exposta e sustentada nas odes VII e VIII, maiormente nesta, do l. IV.

Marilia de Dirceu

—Os versos:

E da pallida morte a mão tyranna
Arrasa os edificios dos Augustos
E arrasa a vil choupana.

traduzem os da ode IV do l. I do mesmo:

Pallida mors æque pulsat pede pauperum tabernas
Regumque turres.

(...a morte que pisa com igual pé soberbas
torres e abatidas cabanas. Fr. Manuel da Esperança).

XXIV

Admiravel versão paraphrastica, nas quatro primeiras estrophes, da ode II da anacreontea alexandrina:

A Natureza deu cornos aos touros, cascos aos cavallos, pés ageis ás lebres, guela enorme ao leão, nadadeiras aos peixes, asas aos passaros e intelligencia ao homem. Nada restou para as mulheres? Pois, que lhes deu? A belleza, mais resistente que todos os escudos, mais forte que todas as lanças: a mulher bella vence o aço e vence o fogo.

No desdobramento:

Aos homens deu as armas do d'scurso,
Que valem muito mais que as outras armas:
Deu-lhe dedos ligeiros,
Que podem converter em seu serviço
Os ferros e os madeiros,
Que tecem fortes laços,
E forjam raios, com que aos brutos cortam
Os vãos, mais os passos.,

ha uma idéa moderna (sanccionada pela sciencia depois de Gonzaga).

XXVI

Como bem disse o sr. Theophilo Braga (FILINTO ELYSIO E OS DISSIDENTES DA «ARCADIA», pags. 552 e 553), *é de uma belleza excepcional, trabalhada como forma symphonica, que desenvolve dous themas simultaneos: no delicioso quadro, contrastam a vida exterior do meio brasileiro, nas multiplas situações da actividade, e a vida interior dos esposos, nos vários aspectos intellectuaes idealizados.*

No primeiro thema sobreleva a côr local, como em outra nenhuma composição sua.

No segundo um matiz intimo; o do sonho familiar, que apontámos na lyra XVII:

Verás em cina da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-ás folhear os grandes livros
E descidir os pleitos.

Emquanto revolver os meus consultos.
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sábia história
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella;
Eu, vendo que lhe dás justo apreço,
Gostoso tornearei a ler de novo
O cansado processo.

Lembrar-se-ia do inseparavel Claudio Manuel da Costa, de quem ao tempo falava galhofeiramente nas CARTAS CHILENAS, III, 13-7:

O velho Alcimedonte certamente
Tem postas nos narizes as cangalhas,
E, revolvendo os grandes, grossos livros,
Co'os dedos inda sujos de tabaco,
Ajunta ao mau processo muitas folhas
De vans autoridades carregadas.

Nos dous passos ha expressões analogas e até identicas.

Marilia de Dirceu

—O termo *consultos*, por *jurisconsultos*, empregado na lyra, era de uso antigo, desde os romanos:

..... qui modo miles
Mercator; tu consultus modo, etc.

Hort., Sat. I, 17.

XXIX

Verás, verás d'alheta
Soprar o brando vento,
Mover-se o leme, desrinzar-se o linho
.....
Bruto peixe verás, de corpo imenso
Tornar ao torto anzol, depois de o terem
Pela rasgada bocca ao ar suspenso;

.....
Verás que o grande monstro se apresenta
Um repuxo formando com as suas aguas
Que no ar espalha da robusta venta.

Cf. CARTAS CHILENAS, I, 39-43:

Não desejas saber se ha grandes peixes
Que, abraçando os navios com as longas
Robustas barbatanas, os suspendem,
Inda que o vento, que d'alheta sopra,
Lhes inche os soltos, desrinzados pannos?

Perfeita a identificação vocabular.

Nesta, como na lyra XXXV, reflectem-se emoções da viagem transatlantica de 1782.

Em ambas é cabal a descripção dos trabalhos marítimos. E os respectivos quadros attestam a excellencia de um marinheiro no verso.

XXXIV

Pura ficção, tomada como realidade, ensejando erros biobibliographicos.

Marília de Dirceu

Já a invocaram para amparar a authenticidade da parte 3.^a do poema, em que se teriam reunido as lyras queimadas, mediante cópias antigas e absurda a hypothese, á luz de estudo comparativo com as peças das partes 1.^a e 2.^a. A apocryphia da 3.^a continúa a ser um *truism* de nossa literatura, a despeito de escriptores paradoxaes, ainda os de maior talento, empenharem-se em combate!-o.

XXXV

V. nota commentaria á XXIX.

XXXVI

Imitação da ode XXVIII da anacreontea alexandrina, da qual se substitue o pintor de Rhodes pelo poeta Claudio:

Péga na lyra sonora,
Péga, meu caro Glauceste,
E, ferindo as cordas de ouro,
Mostra aos rusticos pastores
A formosura celeste
De Marília, meus amores.

A boa locação reclama que preceda a XXXIII, cuja 6.^a estrophe reza:

Tu tens, Marília,
Cantor celeste;
O meu Glauceste
A voz ergueu.
Irá teu nome.
Aos fins da terra,
E ao mesmo céu.

Deve fazer-se a mudança, numa edição critica.

Marilia de Dirceu

Na lyra XXXVI ha tambem passagens imitadas de Camões. Exemplos:

Aos seus pés, quando passeiam,
Pisando ternos amores,
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.

—
Florescia a verdura
Que andando co'os divinos pés tocava.

Canç. VII₄

aliás imitação já de Ange'lo Po'izziano, nas STANZE,
l. I, estr. 55:

Ma Perba verde, sotto i dol i passi
Bianca, gialla, vermiglia, azurra fassj.

—
Ao monte e valle ensinando
O nome que tem no peito.

—
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

LUS., III, 120.

(PARTE II)

III

—Na segunda estrophe, o setesyllabo agudo:

O medo «perturbador»,

em vez de *perturbante*, é erro duplo de todas edições por supersticioso respeito á *principe*. Corrija-se.

Marilia de Dirceu

—Eu tenho um coração maior que o mundo!
Tu, formosa Marilia, bem o sabes:
Um coração... e basta
Onde tu mesmo cabes.

Comp. o epigr. de Panard:

L'Amour est un enfant vieux que le monde;
Il est le plus petit e le plus grand des dieux:
Il rempli de ses feux le ciel, la terre et l'onde;
Et dependent Eglé le loge dans ses yeux.

Gonzaga consubstanciava o Amor em Marilia, cf. *lyra II*, p. I.

V

Imitação de Petrarca.

VII

—Pintam que estou bordando um teu vestido, etc.,

é fantasia tomada como factio real por numerosissimos criticos. V. *Lendas literarias*, ACCENDALHAS, pags. 246-57.

—Pintam que os mares sulco da Bahia,
Aonde passei á flor da minha idade,

explicados no *Escorso biographico* que precede o texto da presente edição.

IX

Não quero que, montado
No Pégaso flogoso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso;
Deixa que viva a pérfida calúnia,
E forge o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Marília de Dirceu

O monstro raivoso é a pérfida calúnia.

Todavia, não pensam assim dous membros da *Academia Mineira de Letras*: nelle personificam, um — d. Luiz da Cunha Pacheco e Menezes, o *Fanfarrão Minezio*, das *CARTAS CHILENAS*; outro — coronel Joaquim Silverio dos Reis, o *Silverino*, das mesmas. Apenas se consignam as extravagancias, pois a natureza deste trabalho exclue polemica.

XIII

Na *MARILIA DE DIRCEU*, lire de Tommaso Antonio Gonzaga, brasileiro, tradote da portoghese da *Giovenae Vegezzi-Ruscalla*, Torino, 1844, lê-se:

Arde il vecchio barile, arde l'ímago.

A redacção da *Revista universal lisbonense*, em numero de Junho de 1845, pag. 581, disse:

Releva notar que o incompleto e equívoco desta expressão não pôde deixar de induzir em erro a um estrangeiro. «Ímago» não significa de certo «cabeça de alcatrão»; nem tampouco a palavra cabeça só por si o significa. A culpa desta infidelidade do traductor vá pois ao autor, a quem pertence.

Discordamos do reproche final, attendendo a que Dirceu escrevia para seu tempo e sua gente. A ambição de gloria cifrava-se-lhe, como repetiu, nos fechos das lyras VI e XII, da parte II, nos braços de Marília...

Demais, então, nenhum portuguez, vendo aquella palavra, em peça de caracter *folk-lorico*, deixaria de de comprehendel-a.

Ainda mejado o século pretérito, na Bahia, festejava-se S. João, queimando bolas de alcatrão em pontas de achas, circumdando o alto de barricas. Tal rôda, ou corôa de chammas constituíam-n'a as vulgarissimas *cabeças*.

(No Estado nortista, conservador até o presente, designa-se por *fogo de planta*, como no Portugal de

Marilia de Dirceu

outr'ora, o que nós outros, os do sul pelo menos, chamamos *fogo preso, fogo de artifício, ou fogo de vista*).

Julgamos conveniente, porém, a nota esclarecedora do ponto, porquanto, numa edição moderna, já tomámos:

Arde o velho barril, arde a cabeça,

o que talvez não seja *pastel typographico*, mas *empada critica*.

XV

Referiu Anthero de Quental que MARILIA DE DIRCEU era o *livro de cabeceira* de João de Deus. E em muitas das FLORES DO CAMPO, observa-se, com effeito, o gracioso *maneirismo* da lyra XXXIII, da parte I.

Mesmo traduzindo La Fontaine, na fábula *A cabra, o carneiro e o cevado*, de genero tão differente do da lyra XV, desta parte, percebe-se-lhe na fórmula o influxo das estrophes 2.^a e 3.^a.

XVI

Dedicada quasi só a Claudio Manuel da Costa, cujo suicidio ignorava. O velho arcade, que tanta confiança inspirava ao autor, o comprometterá no processo, por acto de fraqueza. Talvez fosse o remorso uma das causas do tragico fim, com que procurou redimir-se da excusada offerisa á «candida amizade».

XVIII

Paraphrase da lyra I, da p. I. E não inferior.

Marilia de Dirceu

XXIV

Tratando das graças do rosto amado:

Eu agora, Marilia, não as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

Reminiscência quiçá de Camões, sonetos 167 e 182:

Eu cantei já, e agora vou chorando.
Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto.

Cf. Petrarca, soneto 174:

Cantai; or piango, e non men di dolcezza
Del pianger predo, che del canto presi.

XXXIV

As estrophes 10 e 11 encerram ficção, acreditada como realidade. É o caso, assinalado, da XXXIV, da parte I.

XXXVI

Embora tenhamos refugido ás chamadas *notas perpetuas* (geographicas, historicas, mythologicas, etc.), agora subministraremos algumas, que ainda não entram na classificação, por mal conhecidas, ou quasi inéditas.

—«Procura o porto da *Estrella*». Ao tempo, desconfortavel logarejo, de umas trinta a quarenta habitações pobres, situado a hora e meia da barra do rio Inhomirim. Pela freguezia deste nome passava e estrada real para Minas Geraes.

—«...Igreja nova...» de Campolide (Arraial da), no planalto da serra da Mantiqueira. A 14 de Agosto de 1791, ahi aposentado o capitão-general Visconde de Bar-

Marilia de Dirceu

bacena, erigiu-se em Villa, com o nome desse titular. Barbacena teve fôros de cidade em 9 de Março de 1840, concedidos pelo presidente da provincia, Bernardo Jacintho da Veiga.

—«Passa uma formosa *ponte*». A do Caquende, ou Rosario, construida em 1753.

—«Passa a *segunda* e a *terceira*». A de S. José, da data da respectiva construcção, 1744, até 1802; posteriormente dos Contos, devido á localisação de estabelecimento fiscal, que o vulgo tradicionalista assim designava. E a de Antonio Dias, sobre o corrego desta denominação, construida em 1756.

—«Tem um *palacio* de frente». Tal julgavam, então, a casa em que residia Marilia: baixa, comprida, com oito janellas de frente e porta de entrada. Fica muito proxima da terceira ponte. De seu quarto de dormir, Dirceu avistava-a.

XXXVIII

Chronica processual rimada. É synthese dos interrogatorios de Thomaz Antonio Gonzaga. Vale, pois, como poesia e como documento.

DOCUMENTOS

TRASLADO DOS AUTOS DE SEQUESTRO DE BENS, FEITO AO DESEMBARGADOR THOMAZ ANTONIO GONZAGA

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos oitenta e nove annos, aos vinte e tres dias do mês de Maio do dito anno, nesta Villa Rica de Nossa Senhora do Pillar do Ouro Preto, em casas de morada do doutor desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, onde veiu o doutor desembargador e ouvidor geral actual desta comarca, Pedro Pereira, digo, Pedro José de Araujo Saldanha, com o doutor José Caetano Cesar Manitti, ouvidor geral e corregedor actual da comarca e Villa do Sabará, commigo tabelião, ao diante nomeado e assignado, e o escrivão da ouvidoria desta mesma villa, José Verissimo da Fonseca, para o effeito de se fazer o inventario, digo, de se fazer a appreenção e sequestro em todos os bens que forem achados, pertencentes ao dito desembargador Gonzaga, por ordem que tiveram, elles ditos ministros acima declarados, do Illustrissimo e Excellentissimo Visconde de Barbacena, governador e capitão general desta capitania; e entrando averiguação dos bens são os seguintes, digo, são os aqui escriptos; e para constar mandaram, elles ditos ministros, fazer este auto, em que, no fim do sequestro, se assignam:

Marilía de Dirceu

E eu Antonio Francisco de Carvalho, tabellião, que o escrevi. — *Item* seis garfos e seis colheres de prata novas; *Item* uma faca de matto, com guarnições de prata e o cabo preto; *Item* um dedal de ouro; *Item* uma presilha de chapéo, de pingos d'agua engastados em prata; *Item* cento e cincoenta e nove oitavas de prata velha; *Item* uma fivella de prata, de cinto, que servia na béca; *Item* um jarro e bacia de prata; *Item* duas salvas de prata, uma maior e outra mais pequena; *Item* uma cafeteira de prata, com cabo preto; *Item* um bule de prata, com cabo preto; *Item* uma leiteira de prata; *Item* dois castiões de casquinha de prata, já usados; *Item* um assucareiro de prata com tampa; *Item* quatro colherinhas com sua escumadeira de chá, tudo de prata e tudo fazem cinco peças; *Item* oito colheres maiores, de prata; *Item* uma colher grande, de sopa, também de prata; *Item* dez facas e oito garfos de ferro, com cabos de casquinha; *Item* um relógio de paxisbeque, ou ouro, com seu esmalte nas costas e sua corrente; *Item* uma pedra cravada de ouro bruta; *Item* salvinha pequenina de prata com a beira lavrada e uma barrinha de prata junto com a mesma, que tudo se acha embrulhado em um papel com sobrescripto por fóra, que diz — *Senhor Feliciano José Neves Gonzaga, Rio de Janeiro*; *Item* um papel com quarenta e seis oitavas de crysolithas brutas; *Item* outro papel com quinze com, digo, quinze oitavas de crysolithas brutas, e tem outro papel com nove topázios, digo, papel com onze oitavas de crysolithas brutas; *Item* um papel com nove topázios brutos, uma agua marinha pequena e outras pedras brancas de pouco, ou nenhum valor; *Item* um espadim de prata todo aberto em grade; *Item* outro espadim de prata dourada, francês; *Item* uma bengala com castão de ouro lavrado = Cobre = *Item* um caldeirão grande de cobre; *Item* uma cafeteira de cobre; *Item* uma chocolateira de cobre; *Item* um taxinho de cobre, pequeno; *Item* uma imagem do Senhor Crucificado de marfim; = Latão = *Item* um candieiro de latão, usado; *Item* uma bacia de arame, de cama; *Item*, digo, de cama = Roupa = *Item* um colchão de riscado azul, e um colchão do mesmo; *Item* dois

Marilia de Dirceu

lenções finos e um delles com babados de cassa lavrada, com travesseiro e fronha do mesmo; *Item* uma colcha de damasco carmezim, usada; *Item* quatro punhos para camisa, de cambraia, bordados, novos em folha; *Item* uma caldeirinha de prata com sua corrente nova, que estava dentro do bahú da roupa; *Item* uma toalha de mesa adamascada, usada; *Item* uma dita de algodão, nova, grande, com barras azues; *Item* uma duzia de guardanapos da mesma; *Item* mais quatro guardanapos da mesma; *Item* mais outra toalha, tambem grande, adamascada; *Item* outra dita grande adamascada, quasi nova; *Item* mais outra grande de algodão fino lavrada com listas encarnadas; *Item* onze guardanapos pertencentes a dita; *Item* oito guardanapos adamascados, de varios feitios; *Item* quatro ditos de Guimarães; *Item* duas toalhas de mãos, de Guimarães; *Item* outra dita; *Item* uma toalha de mãos, de bretanha lisa; *Item* tres vestias de chita e uma de belbute, que fazem quatro; *Item* tres toalhas de mãos finas, com seus babados; *Item* uns calções brancos de chita; *Item* cinco penteadores lisos de bretanha; *Item* tres ditos com babados; *Item* oito pares de ceroulas de bretanha; *Item* sete camisas finas com punhos bordados; *Item* doze camisas com babados lisos; *Item* tres lenções de algodão da India, mais um dito; *Item* seis lenções de bretanha lisos; *Item* dois ditos finos com babados; *Item* tres fronhas de travesseiro, grossas de panno de linho, e tres ditas de almofadinha, e uma dita das pequenas; *Item* cinco ditas mais pequenas; *Item* tres ditas grandes com babados; *Item* tres pares de meias de seda, digo tres ditas pequenas com babados, *Item* dous pares de meias de seda brancas, usadas; *Item* quatro vestias brancas e tres de chita; *Item* um calção de chita; *Item* seis pescocinhos de cambraia; *Item* quatro pares de luvas de algodão, finas; *Item* duas camisas de bretanha lisas; *Item* tres guardanapos de Guimarães; *Item* uma fronha pequena; *Item* um lenço branco fino; *Item* cinco pares de meias de linho; *Item* um pescocinho de cambraia; *Item* uma tenaz de prata para assucar de pedra; *Item* um par de fivellas de prata para sapatos; *Item* um jogo de fivellas de pechisbeque, de sapatos e calção;

Marilia de Dirceu

Item um jogo de ditas de sapatos e calção, de pedras brancas = Roupas de côr = *Item* uma béca inteira de setim com bandas bordadas; *Item* uma dita de lila preta; *Item* um vestido de casaca, vestia e calção de seda amarello-tostado; *Item* outro dito da mesma côr e fazenda, a vestia bordada e a casaca caseada de prata; *Item* outra casaca e calção de seda côr de bicho da couve, com vestia de setim branco bordada; *Item* vestia, casaca e calção de seda côr de flôr de pecegueiro, vestia bordada de prata; *Item* um dito de panno côr de vinho caseado de ouro; *Item* um vestido de brilhante, casaca e calção; *Item* um dito de belbute lavrado, casaca e vestia; *Item* um fraque de chita roxa; *Item* um dito côr de camurça com ramos roxos; *Item* um vestido inteiro de seda preta; *Item* uma vestia e dois calções de setim preto; *Item* um fraque e vestia de droguete verde periquito; *Item* um fraque de panno verde, com vestia de setim preto; digo, setim verde; *Item* um fraque de camelão roxo; *Item* um dito de baetão côr de rosa; *Item* um dito com sua vestia de baetão côr de vinho; *Item* um dito de droguete azul, já usado; *Item* tres vestias de seda branca bordadas de ouro e côres; *Item* uma vestia de brilhante; *Item* um calção de duraque preto; *Item* dito de panno encarnado; *Item* um collete de baeta branca; *Item* uma bolça de cabelo; *Item* uma gravata preta de seda; *Item* uma colcha de damasco carmezim, com babados da mesma côr, sem forro; *Item* uma dita de seda carmezim com ramos brancos e forrada de chita; *Item* duas mesas de jacarandá com suas gavetas; *Item* quarenta e tres livros de folha de varios autores, franceses, portuguezes e latinos; *Item* setê ditos de meia folha, da mesma qualidade; *Item* quarenta e tres de quarto, dos mesmos; *Item* um cavallo castanho, que diz se acha em São Bartholomeu. Estes foram todos os bens que se acharam em casa do dito desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, aonde os ditos ministros ao principio e no auto declarados deferiram o juramento dos Santos Evangelhos a Manuel José da Costa Mourão, que nas ditas casas se achava, em que poz sua mão direita, sob cargo do que lhe encarregou que, como elle dito Mourão morava

e assistia nas ditas casas, em que tambem morava o dito desembargador Gonzaga, declarasse se sabia de mais bens de qualquer qualidade que fosse e pertencessem ao dito ministro sequestrado o declarasse; e recebido por elle o juramento, declarou que os bens pertencentes ao dito ministro sequestrado eram unicamente os que se achavam inventariados, e que não tinha noticia de mais algum, e que protestava declarar-o perante elle ministro; e dos ditos bens, aqui descriptos no presente sequestro, ficou elle dito Mourão por depositario dos mesmos, e delles se deu por entregue e se sujeitou ás leis de fiel depositario, a quem eu tabellião, por mandado dos mesmos ministros, notifiquei para que dos ditos bens sequestrados não dispuzesse sem especial ordem delles ministros, pelo que tiveram do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor General. E de tudo, para constar, me mandaram elles ditos ministros fazer este termo de encerramento, em que nelle assignarão com o dito depositario e commigo tabellião e dito escrivão da ouvidoria. E eu Antonio Francisco de Carvalho, tabellião que o escrevi e assignei = Saldanha = Manitti — Antonio Francisco de Carvalho = Manuel José da Costa Mourão = José Verissimo da Fonseca. = E logo no mesmo dia, mês e anno, no auto de sequestro retro declarado e na occasião em que o mesmo foi feito se achou do dito sequestrado, o doutor desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, sessenta mil réis em dinheiro de prata, a qual quantia foi entregue ao mesmo pelos ditos ministros, o doutor desembargador José Pedro de Araujo Saldanha e o doutor José Caetano Cesar Manitti, ouvidor da comarca de Sabará, para despesa de sua viagem a que foi preso no dia de hoje, pelo assim determinar o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Visconde de Barbacena, governador e capitão general desta capitania. E, para assim constar, mandaram os ditos ministros fazer esta declaração, na qual assignarão, e o escrivão da ouvidoria. E eu Antonio Francisco de Carvalho, tabellião que a escrevi e assignei. = Saldanha = Manitti = Antonio Francisco de Carvalho = José Verissimo da Fonseca = Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil sete-

Marília de Dirceu

centos e oitenta e nove annos, aos vinte e tres dias do mês de Maio do dito anno, nesta Villa Rica de Nossa Senhora do Pillar do Ouro Preto, em casa de morada do doutor desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, donde vieram os sobreditos doutor desembargador Pedro José de Araujo Saldanha, ouvidor geral desta comarca com o escrivão do seu cargo, José Verissimo da Fonseca, e o doutor José Caetano Cesar Manitti, commigo tabellião ao diante nomeado, e sendo ahi, em cumprimento de uma ordem do Illustri-simo e Excellentissimo Senhor Visconde de Barbacena, Governador e capitão general desta capitania, datada a vinte e um do corrente m̃s e anno, pelos ditos ministros se procedeu na appreensão de todos os papeis pertencentes ao referido desembargador Gonzaga, digo desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, sendo a tudo presentes os ditos, escrivão da ouvidoria e eu tabellião, de que damos as nossas fés, os quaes papeis, assim appreendidos e achados em diversas gavetas, foram todos logo e no mesmo acto arrecadados e incluídos em um sacco de estopa, cosido e lacrado na bocca com dez pingos de lacre vermelho, todos firmados com o sinete de armas reaes, que neste mesmo acto foi apresentado pelo dito doutor desembargador e ouvidor desta comarca; e, de como assim se executou a referida diligencia e appreensão, me mandaram elles ministros fazer este auto, em que assignarão commigo Antonio Francisco de Carvalho, tabellião, que o escrevi, e o dito escrivão da ouvidoria. Declaro que o dito sacco, assim cosido e lacrado, ficou em poder delle ministro, doutor desembargador Pedro José de Araujo Saldanha, té segunda ordem do dito Excellentissimo general; eu, o sobredito tabellião, o declarei. = Saldanha = Manitti — Antonio Francisco de Carvalho = José Verissimo da Fonseca = E logo no mesmo dia e mês e anno retro declarado, e no mesmo acto na presença dos referidos ministros e de mim tabellião e dito escrivão da ouvidoria, sendo vistos e examinados os bahús aonde se achavam as roupas do dito desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, foram achados mais papeis, que todos foram do mesmo modo appreendidos e mettidos

Marilia de Dirceu

em outro sacco, tambem cosido e lacrado, tudo na fórma do primeiro, o qual fica tambem em poder do dito ministro desembargador Pedro José de Araujo Saldanha té decisão do mesmo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Visconde de Barbacena, governador e capitão general desta capitania; e, para do referido constar, lavro o presente termo, em que nelle assignam os ditos ministros commigo tabellião, e o escrivão da ouvidoria: E eu Antonio Francisco de Carvalho, tabellião que o escrevi e assignei = Saldanha = Manitti = Antonio Francisco de Carvalho = José Verissimo da Fonseca. E nada mais continha o sequestro feito ao sequestrado doutor desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, e o termo que se fez dos papeis que em sua casa se achavam, com cujo teor eu escrivão, ao diante nomeado e assignado, bem e fielmente o fiz passar o presente traslado do proprio sequestro feito e termo, que tudo em meu poder e cartorio se achava, ao qual me reporto, e este conferi, subscrevi e assignei com outro official de justiça commigo aqui assignado por ordem vocal do doutor desembargador, ouvidor geral e corregedor actual desta villa e comarca, Pedro José de Araujo Saldanha, por me dizer que assim lh'o havia determinado o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Visconde de Barbacena, governador e capitão general desta capitania, nesta Villa Rica de Nossa Senhora do Pillar do Ouro Preto, aos dezoito dias do mês de Agosto de mil setecentos e oitenta e nove annos: E eu Francisco Xavier da Fonseca, escrivão da ouvidoria o subscrevi, assignei e conferi. = Francisco Xavier da Fonseca = Conferido commigo inqueridor Manuel Thomé de Sousa Coutinho.

Termo ou declaração. Aos vinte e cinco dias do mês de Maio de mil setecentos oitenta e nove annos, nesta Villa Rica de Nossa Senhora do Pillar do Ouro Preto, e casas de residencia do desembargador Pedro José de Araujo Saldanha, ouvidor geral e corregedor desta comarca, onde eu escrivão ao diante nomeado fui vindo, e sendo ahi, vieram tambem á presença do dito ministro Gonçalo Pereira Barreto

Marilia de Dirceu

e o alferes Luiz Gomes da Fonseca, o primeiro thesoureiro e o segundo escrivão do juizo de ausentes desta Provedoria, aos quaes deferiu o mesmo ministro o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles, em que por sua mão direita, digo, em que cada um delles poz sua mão direita, sob cargo do qual lhes encarregou declarassem e jurassem se naquelle juizo se estavam devendo algumas parcelas de emolumentos pertencentes ao desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, ouvidor e provedor que foi desta comarca, e recebido por elles o dito juramento, debaixo do mesmo declararam que actualmente nada se devia ao dito desembargador, por aquella repartição, por haver já cobrado tudo que lhe pertencia de seus emolumentos, ao tempo em que foi preso; e de como assim o disseram e juraram, mandou elle dito ministro fazer este termo, em que assigna com os ditos: E eu o bacharel José Cactano Cesar Manitti, escrivão commissario o escrevi = Saldanha = Gonçalo Pereira Barreto = Luiz Gomes da Fonseca.

EMBARGOS DE RESTITUIÇÃO DE PRESO, FEITOS
PELO DESEMBARGADOR THOMAZ ANTONIO
GONZAGA

lilm. Sr.

Diz Thomaz Antonio Gonzaga, R. condemnado nos Autos da Devassa tirada pelo meditado levante de Minas, que elle supplicante embargou o sabio Accordam que o condemna, e porque confia a sua total absolvição dos Embargos feitos por elle mesmo.

P. a V. S. se sirva mandar que o seu Patrono ajunte aos Autos os Embargos que o supplicante lhe apresentar, sendo assignados por sua propria letra.

E. R. M.

*Despacho: Junte o advogado,
querendo.*

Vasconcellos.

Marília de Dirceu

*AUTOS CRIMES. Juizo da Commis-
são contra os réos da Conjura-
ção de Minas Geraes, anno de
1791, fls. 118.*

Por embargos de Restituição de preso, diz o R. Thomaz Antonio Gonzaga, afim de que se reformem os sabios Accordams fls. 74 v.o e fls. 114 v.o, e sendo necessario.

P. ser condemnado a um degredo perpetuo pelo primeiro Accordam fls. 74 v.o e ser-lhe commutado este no degredo de dez annos para Moçambique pelo Accordam de fls. 114 v.o; porém, falando com o mais profundo respeito, parece que um e outro julgado se acham nos termos de reforma, porquanto:

P. ser um dos fundamentos em que se firma a condemnação do R. o dizer-se que elle perseguia ao Intendente, que foi, do ouro, Francisco Gregorio Pires Bandeira, a requerer o lançamento da Derrama, em cuja imposição se esperançava o bom exito do meditado levante. Examinadas, porém, as provas, achase que este fundamento, bem que sabio, não subsiste, porquanto:

P. que o R. Domingos Vidal foi quem declarou que o R. fazia esta infame persuasão, não porque o soubesse por trato que com o R. tivesse, mas pelo ouvir dizer ao R. Francisco Antonio de Oliveira, como se mostra da Devassa de Minas a fls. 33.

P. que o R. Francisco Antonio de Oliveira, referido pelo R. Vidal, depõe e jura a fls. 4 e seguinte do Appenso 2 desta Devassa que assim o dissera pelo ter ouvido do R. Carlos Corrêa de Toledo Piza.

P. que o R. Luiz Vaz de Toledo, referido pelo R. Francisco Antonio, depondo a fls. 100 do Appenso 2 da Devassa desta cidade, jura que é verdade ter ouvido a seu irmão, Carlos Corrêa de Toledo Piza, que o R. era socio deste pessimo concerto, mas que o mesmo seu irmão quando já temia o ser preso lhe declarara que sentia o ter falado no R. por ser falso o ter entrado em similhante ajuste.

Marilia de Dirceu

P. que, sendo perguntado, o mesmo R. Carlos Corrêa de Toledo, a quem todos se referem, declarou a fls. 7 *in-fim.* do Appenso 5, ser certo o ter dito que o R. era entrado no meditado levante, mas que assim o dissera para persuadir aos mais, por ser o R. um homem de conhecidos talentos, e que assim o declarava por descargo de sua consciencia, pois, a ser certo o que dissera o R. não o negara quando estava confessando a sua propria culpa.

P. que as testemunhas que se referem a outras só têm o credito que merecem aquellas a quem se referem, como é doutrina de todos os doutores. E, referindos-e todas as testemunhas neste ponto ao R. Carlos Corrêa de Toledo, nada provam, visto que o R. Carlos declarou o seu dito, confessando a innocencia do R. e o testemunho que lhe tinha levantado para fomentar os seus abominaveis intentos.

P. que esta declaração foi efficaz para que o sabio Accordam não faça carga ao R. de outros ditos, espalhados pelo mesmo R. e pelos socios. Logo, parece que ha de ser efficaz para que se lhe não faça carga deste, por ser individua a respeito da innocencia delle.

P. que ou se ha de julgar que a resposta dada por este R. é geral, e abraça a este ponto, ou que não abraça. Sendo geral e comprehendendo a este ponto, está o R. innocente, pois assim o declara a testemunha referida; sendo particular e não o comprehendendo, então ainda está por inquerir sobre elle a testemunha referida, e, por consequencia, ainda não ha prova contra o R.

P. que o R. nunca persuadiu ao Intendente, que foi, de Villa Rica, Francisco Gregorio, a requerer semelhante Derrama, e o que fez sómente foi dizer-lhe que, se a Derrama se lançasse, temia alguma desordem no povo, e, dizendo-lhe então o dito Intendente que não a requeria, elle lhe tornou que a deveria requerer, visto que já estava reprehendido por esta falta, mas que a Junta da Fazenda não obraria bem se a lançasse, pelo perigo a que se expunha a Capitania. E, dizendo-lhe o dito Intendente que requeria o lançamento de um só anno, elle lhe tornou

Marilia de Dirceu

ser melhor o requerer o de todos os annos, não para se atemorizar o povo mais, como se suppõe no sabio Accordam; mas para haver um pretexto mais honesto de a suspender, fundado na gravidade e liquidação da divida, o que não havia no lançamento de um só anno, como se prova da attestação que junta.

P. que destes pareceres, taes quaes o R. achava mais prudentes, não se pôde colligir interesse algum doloso, porque, se o R. o tivesse, não discorreria na presença de um vogal da Junta a favor da sua suspensão, como sempre falou, em beneficio do socego publico. Nem se pôde julgar que o R. dispersuadia o lançamento da Derrama pela Junta, porque bastava para os seus intuitos o simples requerimento do Intendente, porquanto:

P. que, se o R. se interessava neste mesmo requerimento, então lhe não diria que a Derrama era perigosa, porque semelhante dito o poderia encher de susto e fazer com que elle não fizesse semelhante requerimento, e o R. não poderia vencer um trabalho mais suspeito.

P. que neste caso estava associado com os R. R., e não podia ser com outros além dos referidos, e, estando declarado pelos mesmos que não era socio, nem ao menos sabedor, já se não pôde suppôr este pessimo interesse. Esta verdade reconhece o sabio Accordam embargado, pois o não põe no numero dos sócios e dos que dão ajuda, nem o condemna com as penas proprias de semelhantes réos.

P. que, se o R. se interessasse neste requerimento, elle procuraria meios de persuadir ao Intendente a sua brevidade, o que nunca fez, nem lhe falou uma só palavra nesta materia, sem que o dito Intendente lhe falasse primeiro, nem lhe diria coisas só concernentes ao socego publico, como na verdade disse e se prova da referida certidão.

P. que neste caso o arguiria a propria consciencia e não faria a declaração desnecessaria, que fez, nas suas respostas, como defesa, sem estar obrigado a defender-se, pois não se via arguido por semelhante indício, o que mostra que estava de tão boa-fé, que, ainda no tempo em que foi perguntado, nem des-

Marilia de Dirceu

confiava que nestes pareceres se poderia lançar algum veneno.

P. que o fundamento de ter o R. assistido a uma conversa tendente ao levante, na varanda do R. Claudio Manuel da Costa, falando com o mesmo profundo respeito, não é também attendivel, por ser certo que não assistiu a tal conversa, bem que estivesse na varanda em que se fez.

P. que a unica prova que ha de ter o R. assistido a tal conversa é o dizerem os R. R. Luiz Vieira e Ignacio José de Alvarenga que elle estivera na varanda aonde conversavam; mas semelhante dito não faz prova contra o R., porque o dito das testemunhas deve ser tal que exclua a negativa do R., o que não exclue semelhante declaração, pois que elles não affirmam que o R. estivera na roda da conversa, e poderia estar na varanda em parte diversa, aonde nada ouvisse, por ser comprida.

P. que este mesmo inconcludente dito se acha declarado pelo R. Alvarenga, que sendo acareado com o R. jura que esta conversa fôra entre elle, o R. Luiz Vieira e o R. Claudio, e que o R. estivera em outra parte da varanda, embrulhado num capote e deitado numa esteira, por estar molesto, o que não deixa de confirmar o R. Luiz Vieira, affirmando que o vira deitado e embrulhado num capote, bem que se não lembrava do tempo, nem da causa.

P., falando com todo o respeito, que este facto se deve julgar, não pelo primeiro dito, que nada affirma sobre estar o R. na roda da conversa, mas por estas declarações que excluem esta suspeitosa assistencia. Nem se pôde suppôr que o R. assistira ao principio desta conversa, como suppõe o sabio Acordam, pois que não ha razão em que se firme semelhante supposição, e ha muitas em que firma a contraria, exclusiva desta mesma assistencia, porquanto:

P. que o R. Alvarenga na dita acareação declarava as mais leves circumstancias desta conversa, e não se esqueceria da circumstancia mais grave de ter assistido o R. ao mesmo principio della, pois que esta o constituia socio, ou interessado.

P. que o dito Alvarenga declara que o R. já

Marilia de Dirceu

estava doente quando jantava e que por esta razão já não comera. É logo de entender que o R. não assistiu a tal principio, e que se iria logo deitar por já estar molesto, facto mais natural do que o de semelhante assistencia, e mais conforme com os principios de direito, que mandam fazer as intelligencias a favor da innocencia, muito mais quando por parte desta se acham estes motivos suasorios e pela parte contraria se não acham outros mais fortes, como requerem os doutores, para se fazerem a favor dos delictos, nem ainda outros, que mais fracos sejam.

P. que o R. de facto não assistiu ao principio de tal conversa, mas se levantou logo da mesa molesto e se foi deitar sobre uma esteira na dita varanda primeiro que os socios que estavam na conversa se levantassem da mesa e saíssem para a referida varanda, como se prova com a attestação junta, do doutor Francisco Gregorio Pires Bandeira, que os mesmos R. R. declararam que estava na mesma casa, o que não só corrobora a prova feita, mas que poderia fazer por si só uma concludente prova.

P. que o outro fundamento de que o R. respondera ao R. Luiz Vieira que se tinha perdido a occasião do levante, tambem não parece attendivel, falando debaixo do mesmo profundo respeito: primeiro, porque o R. não confessou semelhante affirmativa do sobredito Luiz Vieira; segundo, porque, ainda que deu alguma intelligencia a semelhante dito, isto só foi *ex-abundanti*, e nesta mesma intelligencia é natural e attendivel, porquanto:

P. que, sendo o R. um homem letrado, não podia ignorar que a occasião mais opportuna para um levante é aquella em que se alteram os animos dos vassallos, o que não podia deixar de succeder lançando-se uma Derrama de mais de oito milhões sobre um povo abatido e pobre; logo, suspendendo-se o lançamento dessa Derrama, podia dizer o R., como politico, que se tinha perdido a occasião para um levante, sem ser sabedor de que se pensava d'elle, quando só pelas luzes da razão e pelos conhecimentos que ministram as historias.

Marilia de Dirceu

P. que, ainda que se possa entender que o R. daria semelhante resposta como sabedor do meditado levante, tambem se póde entender que a daria como politico e letrado, e, nesta duvida, parece que se deve fazer a intelligencia por esta parte: primeiro, porque na duvida sempre se fazem as intelligencias a favor da innocencia; segundo, porque a intelligencia a favor do crime está despida de outros indicios e provas que a justifiquem, e a intelligencia a favor da innocencia está acompanhada de outros indicios, como logo se mostrará.

P. que o outro fundamento da conversa que o R. teve com o R. Alvarenga, de que depõe o R. Claudio Manuel da Costa, tambem não subsiste, falando com o mesmo profundo respeito: porque o R. Claudio não depõe de conversa sobre o levante, mas de uma conversa hypothetica sobre os interesses da Capitania, e o R. contesta que o R. Alvarenga conversara com elle sobre os mesmos interesses, sem falar uma só palavra de levante, nem ainda hypotheticamente, o que não basta para o constituir R., maximé não tendo a menor razão para desconfiar da fidelidade do R. Alvarenga, nem dos outros socios.

P. que nem se póde suppôr como se suppõe no sabio Accordam que o R. Alvarenga se poderia instruir para dispôr o meditado levante da pratica que teve com o R., pois que isto só se poderia suppôr se esta conversa fosse sobre levante e meios para elle, mas, sendo só os interesses da Capitania, patentes a todos, não se póde suppôr nem esta mesma instrucção.

P. que os indicios e conjecturas se reputam mais ou menos attendiveis, ou pela sua concludencia, ou pelo numero das conjecturas e indicios que se ajuntam.

P. que estes dois indicios, firmados na sobre-dita resposta dada ao R. Luiz Vieira e na sobre-dita conversa, são totalmente dubios attendendo á sua concludencia, pois chegam a ser dubios e a terem intelligencias oppostas, e por isso se não póde firmar

Marília de Dirceu

melhor a condemnação do R., maximé não estando concludentemente provados, como não estão.

P. que estes dois indícios, além de serem dubios, estão despidos de mais indícios que os confirmem, e que a intelligencia a favor do R. está firmada em outras concludentes provas, quaes são os indícios que o R. expende em sua defesa nos seus embargos que aqui repete: a declaração que os R. R. fizeram da innocencia d'elle e o desvanecimento de tantos indícios e ditos que contra elle se levantaram, não sendo de acreditar que todos se desvanecessem, se não pugnassem por parte do R. a verdade e a innocencia. Do que se segue, falando com todo o respeito, que a intelligencia de semelhantes ditos se deve fazer a beneficio do R., pois não ha razão para que subsista uma intelligencia contraria despida de todos os adminiculos, desprezada a intelligencia natural a acompanhada de concludentes provas.

P. que, ainda que o R. não estivesse, como está, nos termos de uma total absolvição, estaria assás punido com a dilatada prisão de trez annos de rigoroso segredo, porquanto:

P. ser o R. Faustino Soares absolvido levando-se-lhe em conta sete meses de prisão, não obstante ser a prova que se fez contra elle tal, que o constituia directamente sabedor do meditado levante; e sendo a prova que resulta contra o R. meramente indiciaria, parece que está nos termos da mesma equidade, maximé tendo soffrido, não só sete meses de rigoroso segredo, mas trez annos, cujo excesso pôde proporcionar algum excesso de indícios, que appareçam contra elle.

P. que, ainda que o R. não tivesse a seu favor as sobreditas razões, parece, falando com o devido respeito, que nunca haveria ser condemnado a dez annos de degredo e para uma terra imputada qual a de Moçambique, por não ser da piedosa intenção da Soberana que o R. em quem se julga menor culpa seja mais punido do que são os maiores aggressores.

P. que quatro dos R. R. que foram condemnados a pena capital, infamia e confiscação de todos os bens, se acham condemnados a um degredo para

Marilia de Dirceu

Angola, e emtanto o R. em uma ordem muito menos punível, pois só foi condemnado a degredo, a perda de metade dos bens, e sem infamia, parece que não deve ser condemnado a degredo em Moçambique, pois não se ha de entender que a Soberana quererá expôr a maior perigo a vida do R. que lh'a não conceda por piedade, visto que não foi condemnado á morte, e conservar mais as vidas dos R. R. a quem perdoou a morte, por sua nunca vista graça da natural clemencia. Nem pôde prejudicar ao R. a disposição da carta régia de 15 de Outubro de 1790 que manda se condemnem os R. R. que só foram sabedores a degredo para Moçambique e Rios de Senna.

P. que dita ordem não manda que estes R. R. se condemnem necessariamente para taes districtos, manda sim que se condemnem para outros dominios da Africa, diversos dos dominios para que forem degredados os primeiros R. R., comprehendidos os de Moçambique e Rios de Senna. Daqui se vê que os dominios de Moçambique e Rios de Senna não estão contemplados por termos disjunctivos dos outros dos dominios de Africa, mas sim por termos conjunctivos, do que se segue ficar ao arbitrio dos prudentes julgadores a escolha dos degredos, com tanto que os regulem dentro dos limites de Moçambique e Rios de Senna, a quem estes se ajuntam para maior extensão de terreno.

P. que, ainda que os sabios julgadores não tinham este arbitrio a respeito dos R. R. que só souberam e não declararam o meditado levante, sempre o teriam a respeito do R. que não se pôde contemplar na ordem destes, porquanto:

P. que, ainda entre os R. R. do mesmo crime, se fazem diversas classes de R. R. em attenção ás diversas provas.

P. que os R. R. de que fala a sobredita carta são aquelles que têm provado o seu delicto, pois que estes são os que estavam sujeitos á pena capital que lhes suppõe a elles perdôa a Real Piedade. E não tendo o R. contra si mais que alguns leves indícios, e isso mesmo destruidos, parece que a jus-

Marilia de Dirceu

tiça da Soberana o não podia contemplar na ordem dos R. R. mercedores da morte, que são os que só manda degredar para Moçambique e Rios de Senna e que, por legitima consequencia, se deve contemplar em outra ordem menos punivel e não contemplada na sobredita carta, em cujos termos sendo os R. R. principaes punidos com os degredos para os presidios de Angola, ficaria o R. aliás punido sendo degradado para a mesma Angola, pois, que assim haveria uma justa proporção entre uns e outros R. R.

P. que, ainda que sendo degredado para Angola, nunca o poderia ser pelo espaço de dez annos, pois, sendo o espaço de tempo deixado ao arbitrio dos prudentes julgadores e tendo estes regulado o prazo de dez annos para os R. R. que tinham sido condemnados á morte, a perdimento de todos os bens e a infamia para filhos e netos, parece, falando com todo o mesmo profundo respeito, que os R. R. que estão em uma classe que só merecia degredo, perdimento da metade dos bens e sem infamia se fazem dignos de serem degredados por muito menos tempo, para haver entre uns e outros uma justa proporção, não só no que respeita ás terras, mas no que respeita ao prazo.

P. que, ainda entre os mesmos que estão nos termos de serem degredados por muito menos de dez annos, se acha o R. em circumstancias muito mais attendiveis, porque, se são menos puniveis os que souberam e não denunciaram, havendo contra elles as suas confissões, como succede aos que foram condemnados a degredo, o R. que não confessou e que só tem contra si uns indícios leves e impugnados, merece uma mais leve pena e, por consequencia, um menos dilatado degredo.

P. que neste mesmo degredo se devem computar os annos de sua rigorosa prisão, pois, mandando a Soberana que a prisão se tome por castigo num crime de lesa-Magestade, qual é a resistencia ás suas justicas, parece que se deve computar este tempo no degredo a que se condemnaram todos os mais R. R., maximé sendo estes condemnados por umas leves suspeitas, como o R.

Marília de Dirceu

P. que, nestes termos e nos de direito, deve o R. ser attendido como parecer mais justo, ou com a sua total absolvição, que espera, ou com a mudança do degredo para Angola e pelos limitados annos que se proporcionarem aos degredos dos outros R. R. muito mais culpados.

P. Recebimento e cumprimento de justiça.

*Thomaz Antonio Gonzaga.
José de Oliveira Fagundes.*

AUTOS CRIMES, etc., fls. 123 v.º

Illm. Sr.

Diz Thomaz Antonio Gonzaga, réo condemnado nos autos da devassa tirada pelo crime do meditado levante de Minas, que, a bem de sua justiça, carece de que o Intendente, que foi, de Villa Rica, Francisco Gregorio Pires Bandeira, atteste, debaixo de juramento, se elle supplicante estivera molesto de uma colica em dia em que jantaram em casa do réo Claudio Manuel da Costa: declarando quando lhe principiou a dita colica e se foi deitar na varanda do Dr. Claudio sobre uma esteira, e a que horas, e se foi quem o acompanhou para sua casa. Assim mais, se o supplicante lhe falou alguma vez em requerer, ou não requerer a derrama, sem que elle lhe falasse primeiro, e se o supplicante, sempre que nisto falavam, lhe disse que se devia suspender o lançamento da dita derrama, como perigoso ao socego publico; e se o supplicante fizera algum movimento, que não fosse dirigido a não se lançar a dita derrama, com todas as mais declarações que lhe lembrarem, bem que não sejam pedidas.

*Despacho: Passe, querendo.
Vasconcellos.*

AUTOS CRIMES, etc., fls. 124.

Francisco Gregorio Pires Monteiro Bandeira, desembargador da Relação e da casa do Porto, attesto

Marília de Dirceu

que servindo o lugar de intendente da casa da fundição da comarca de Ouro Preto de Villa Rica, tenho lembrança de que um dia jantando em casa do Doutor Claudio Manuel da Costa, em companhia do supplicante Thomaz Antonio Gonzaga e outros, se levantára o mesmo supplicante da mesa com uma dor de colica, que lhe costumava dar; por isso, se foi deitar nas varandas das mesmas casas, em uma esteira junto á escada que vai para o quintal, sem me lembrar se estava de capote, ou sem elle; e, ficando eu passeando na sala das mesmas casas, que deita para a varanda, saíram alguns dos convidados para a mesma varanda e outros para o quintal; e, apertando mais a dor ao supplicante, eu o conduzi logo para sua casa.

É porque ao lugar de intendente está annexo o de procurador da corôa e fazenda, de cuja Junta o supplicante como ouvidor era deputado, tendo-se na mesma tratado da representação que a respeito da derrama se devia fazer a Sua Magestade, e conversando com o supplicante sobre o requerimento que eu devia fazer, por ter sido increpado na falta da effectiva imposição da mesma derrama, e o mais que se tinha passado na Junta da Real Fazenda, quando se leu a ordem de Sua Magestade, que mais não devo declarar, me disse o supplicante que, estando no meu lugar, requereria toda a derrama para se ver o que cabia a cada um e melhor se vir no conhecimento da impossibilidade do pagamento e do que deveriam ter pago alguns que já se tinham ausentado para diversas terras deste continente e da Europa, com muita riqueza, para desta sorte ficar a representação mais digna da attenção de Sua Magestade; e o que do supplicante percebi, destas conversações, me parecia tender á suspensão da derrama até a decisão de Sua Magestade: o que, sendo necessario, juro aos Santos Evangelhos.

Rio de Janeiro, 6 de Maio de 1792.

Francisco Gregorio Pires Monteiro Bandeira.
AUTOS CRIMES, etc., fls. 124 v.º e 125.

INDICE

	Pags.
Advertencia.	7
Esborço biographico.	9
Parte I	19
Parte II	75
Notas ás Lyras.	119
Documentos.	142

O. J. ...
...
OK 23/10/66

ERRATA

Em vez de:		ler-se:
toponymico	(p. 11, l. 4)	toponymo
equivalente a	(p. 11, l. 12)	ou o equivalente
procurador	(p. 12, l. 16)	provedor
o mentiroso	(p. 15, l. 18)	mentiroso o
22 de Maio	(p. 16, l. 29)	23 de Maio.

Taes descuidos de revisão, e outros acaso verificaveis, são da responsabilidade do editor literario. — A. F.

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62—RIO DE JANEIRO
AOS 24 DE MAIO DE 1922



0.

112

197

20/34



112

Ag. on to: \$50,000

\$2,000 Revenue

\$48,000 N. R. R.

50.00
15.00
50.00
10.00

Wash
Soda
Wash
Soda

10.00

15.00
10.00

40.00

Wash
Soda

50.00
15.00

Wash
Soda

Wash
Soda

